ALLAN PERCY
autor de *Nietzsche para estressados*

Shakespeare para apaixonados



72 doses de romantismo para aproveitar melhor o amor a cada dia

SEXTANTE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Shakespeare
para apaixonados

Allan Percy

Shakespeare
para apaixonados



SEXTANTE

Título original: *Shakespeare para enamorados*

Copyright © 2014 por Allan Percy
Copyright da tradução © 2014 por GMT Editores Ltda.

Direitos de tradução negociados com Sandra Bruna Agencia Literaria, S.L.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução
Michelle Strzoda | Babilonia Cultura Editorial

preparo de originais
Renata Dib

revisão
Gabriel Machado e Luis Américo Costa

diagramação
Ilustrarte Design e Produção Editorial

capa
Miriam Lerner

imagem de capa
jannoon028 / Shutterstock

ebook
Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P484s

Percy, Allan, 1968-
Shakespeare para apaixonados [recurso eletrônico] / Allan Percy [tradução de Michelle Strozda] Rio de Janeiro: Sextante, 2014.
recurso digital

Tradução de: Shakespeare para enamorados
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-431-0155-2 (recurso eletrônico)

1. Shakespeare, William, 1564-1616. 2. Amor. 3. Relações homem-mulher. 4. Livros eletrônicos. I. Título.

14-15896

CDD: 306.7
CDU: 392.6

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
GMT Editores Ltda.
Rua Voluntários da Pátria, 45 – Gr. 1.404 – Botafogo
22270-000 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 2538-4100 – Fax: (21) 2286-9244
E-mail: atendimento@esextante.com.br
www.sextante.com.br

Dedicado aos que amaram,
aos que amam
e aos que ainda vão amar.

Prólogo

Os caminhos secretos do amor

De todas as questões que preocupam o ser humano, nenhuma é mais importante que o amor. Podemos renunciar ao sucesso, à riqueza e ao reconhecimento, mas quase ninguém pode renunciar aos prazeres do coração.

Amar e ser amado são necessidades tão vitais como respirar, beber água e dormir.

Quando estamos apaixonados, uma força quase sobre-humana toma conta de nós, pois tudo o que fazemos com nossa inspiração ganha impulso, coragem e autenticidade. De repente sabemos o verdadeiro significado de *estar vivo*.

O amor move o mundo, mas nem sempre na melhor direção. A paixão exacerbada por um país ou por uma ideia desencadeou guerras devastadoras, porém o mesmo sentimento fez com que exploradores descobrissem territórios, contribuiu para o avanço da ciência e propiciou mudanças sociais que hoje usufruímos.

Este livro fala, sobretudo, da magia do amor romântico. Tendo como guia a obra de Shakespeare, vamos fazer uma viagem pelo território do coração, não só para descobrir seus tesouros, mas também para conhecer seus precipícios mortais.

Cada capítulo começa com uma citação desse autor universal que, há quatro séculos, soube dar forma, como nenhum outro, ao drama e à comédia das paixões humanas. Porque a vida é puro teatro e somos gratos por poder pisar, dia após dia, neste palco onde qualquer coisa pode acontecer.

As palavras do gênio da cidade de Stratford-upon-Avon servem para examinarmos o sentimento amoroso sob todos os seus prismas. Indo do amor à primeira vista até a arte da sedução, passando pelo ciúme, pela melancolia e pelo

relacionamento amoroso de longo prazo, este livro é um guia de viagem pela geografia da nossa emoção mais grandiosa.

O que acontece conosco quando estamos apaixonados? Por que algumas pessoas conseguem atrair quem desejam, enquanto outras permanecem sozinhas? Há algum segredo para manter uma relação? Como é o amor à segunda vista?

Nos próximos 72 capítulos, conheceremos a resposta para essas e muitas outras questões. Partiremos do princípio do qual jamais devemos nos desviar: *só quem ama a si mesmo, aceitando as próprias virtudes e imperfeições, será merecedor do amor do outro.*

Portanto, vamos amar e deixar que nos amem. E, para fazer isso benfeito, iremos nos aventurar pelos caminhos secretos da mais difícil, excitante e prazerosa das artes.

Subiremos ao palco com Shakespeare, que inspirou quem escreve estas palavras, com você no papel de protagonista.

Que se abram as cortinas!

ALLAN PERCY

1

Se você não se lembra do menor sinal de loucura que cometeu por amor, você não amou.

Paixão e loucura frequentemente andam juntas, sobretudo na juventude, na qual a inexperiência soma-se a uma visão idealizada do que é a vida a dois.

Muitos filmes de Hollywood e alguns romances literários transmitem a mensagem de que o amor deve ser vivido de forma arrebatadora porque, como dizia Platão, "não há ser humano, por mais covarde que seja, que não possa se tornar um herói por amor".

Quando nos apaixonamos, nossa vida se ilumina e aproveitamos diversos benefícios, tais como:

- Aumento da autoestima, pelo simples fato de nos sentirmos amados, admirados e valorizados.
- Desenvolvimento da criatividade, pois não queremos deixar de surpreender o outro.
- Maior resistência aos problemas do cotidiano.

Portanto, a paixão é um bálsamo poderoso que torna nossa existência mais heroica e brilhante. Mas o amor é uma faca de dois gumes.

Como evidenciado por muitos dramas de Shakespeare, um coração apaixonado também é fonte de constante sofrimento, além de uma bússola que nos guia por caminhos tortuosos.

Já que estamos falando de loucuras, veja algumas que não deveríamos cometer por amor:

- Renunciar às nossas prioridades e ao nosso jeito de ser.
- Sujeitar toda a nossa felicidade à atenção que a outra pessoa nos oferece, pois ela nem sempre será igual.
- Criar laços de dependência com emoções negativas.
- Pensar que podemos viver "de brisa e de amor".

Lição número 1: amar não é suficiente. Para saber viver com ou para alguém, primeiro é preciso aprender a viver para si mesmo.

2

É melhor ser rei de seu silêncio do que escravo de suas palavras.

DURANTE A FASE DA CONQUISTA, utilizamos várias palavras para nos conhecermos melhor, para entender o outro, compartilhar nossos sentimentos, provocar, fazer sorrir, agradar…

A questão é que, se a relação prosperar, anos depois já teremos usado todos os nossos truques e o que restará serão apenas as piadas do dia a dia. Será que isso vai bastar para preencher o espaço compartilhado com a pessoa amada?

Talvez isso funcione quando voltarmos do trabalho com pouco tempo, muito cansados e com sono, mas o que acontecerá nos finais de semana ou durante as férias?

Absolutamente nada.

De fato, nem sequer precisamos de uma televisão ligada na sala para nos sentirmos confortáveis. Há algo muito mais importante para compartilhar com a pessoa amada quando não há novidades para contar: o silêncio.

Um sinal de uma relação saudável é ser capaz de dividir a ausência – sempre relativa – de sons, seja lendo livros ou contemplando um entardecer pela janela.

O compositor John Cage demonstrou, de maneira contundente, em *4'33''*, a possibilidade de o silêncio ser belo e compartilhado. A peça consiste em 4 minutos e 33 segundos de puro silêncio e pode ser interpretada por uma orquestra inteira em grandes auditórios.

No dia da estreia, a plateia ficou assustada diante daquela peça em que os músicos não se mexiam e o regente mantinha a batuta imóvel, atento apenas ao relógio. Ao atingir os 4 minutos e 33 segundos, o maestro abaixou a cabeça para receber os aplausos.

Os espectadores ficaram comovidos, talvez porque ninguém mais esteja acostumado a abraçar o silêncio, que é uma trilha sonora perfeitamente romântica para a intimidade a dois.

3

Guardar algo que me ajude a lembrar de você seria admitir que posso esquecê-lo.

Os apaixonados guardam objetos que evocam a presença da pessoa amada, mas o verdadeiro sentimento não precisa de nenhuma dessas coisas.

Sem dúvida, os poemas são o grande elixir que captura a essência do coração e vêm sendo escritos desde que podemos expressar aquilo que acontece dentro de nós.

O primeiro poema de amor de que se tem notícia é de uma religiosa suméria que, há quatro mil anos, dedicou as seguintes palavras ao seu noivo, o rei:

Noivo, querido do meu coração,
Formosa é a sua beleza, doce mel.
Leão, querido do meu coração,
Formosa é a sua beleza, doce mel.
[…]
Seu espírito, eu sei onde alegrar o seu espírito,
Noivo, durma em nossa casa até o amanhecer.
Seu coração, eu sei como animar seu coração,
Leão, durma em nossa casa até o amanhecer.

O tempo e a poeira cobriram suas palavras apaixonadas. Mas, no final da década de 1880, as tabuletas contendo o poema acabaram sendo encontradas numa região do atual Iraque. Elas foram armazenadas no Museu de Antiguidades

Orientais de Istambul com outros documentos da época suméria, como o informe sobre um homicídio e outro sobre o fim de um relacionamento.

A eternidade oferece estranhas companhias.

Entretanto, mais estranha ainda foi a forma como esses versos vieram a público nos dias de hoje. Uma empresa os transformou na peça central de uma exposição do Dia dos Namorados, resgatando do ostracismo aquilo que os amantes jamais esquecerão.

4

Qualquer um pode dominar o sofrimento, exceto aquele que o sente.

Ao longo deste livro veremos como se desfruta o amor e se sofre por ele, mas não devemos nos esquecer de que aqueles que não amam também sofrem, pois sentem que algo essencial está faltando em sua vida.

Então por que há tanta gente sozinha? Certamente, muitos estão solteiros por opção, mas também existem várias almas que têm dificuldade de encontrar um parceiro.

Segundo a autora Elizabeth Clark, especialista em relacionamentos, cada gênero enfrenta diferentes problemas quando se trata desse assunto:

As dificuldades dos homens para encontrar um par se devem à sua falta de perspicácia na hora de compreender os sinais que recebem. Já as das mulheres são provocadas por sua incapacidade de achar alguém que se ajuste aos seus ideais.

Segundo ela, ainda não atingimos a igualdade na hora de tomar a iniciativa no primeiro contato amoroso:

Os homens acham que o flerte começa no instante em que abrem a boca e pronunciam uma frase para quebrar o gelo. É por essa razão que eles se preocupam tanto com o que vão dizer. Além disso, consideram que essa frase inicial constitui o momento em que o risco de rejeição é mais alto. Como na

maioria das vezes são os homens que dão o primeiro passo, eles temem muito mais essa rejeição.

É óbvio que quanto mais amistoso e familiar é o primeiro contato, menos motivos há para se preocupar, pois quem deseja amar pode assumir o papel de amigo desinteressado até que as circunstâncias lhe deem uma chance.

5

Nós somos feitos da mesma matéria de que são feitos os sonhos; nossa curta vida está cercada pelo sono.

Com a imaginação, podemos nos transportar para mundos desejados que quase sempre têm relação com o amor. Quem nunca sonhou na adolescência em encontrar uma alma amiga com a qual se identifique e transformar este mundo cinza em uma rica paleta de cores?

Não é por acaso que praticamente todos os grandes romances e filmes têm uma história de amor central, já que o sentimento amoroso é o Santo Graal de todas as fantasias.

Ao longo da vida, vemos algumas pessoas encontrarem seu companheiro, mas outras parecem relegadas a esperar e continuar sonhando. Será que os solitários não têm a passagem para esse trem?

A vida nos mostra que não é bem assim. Há quem ache sua alma gêmea na enésima tentativa – como veremos mais adiante – e há aqueles que, depois de uma existência solitária, se veem surpreendidos por um romance que os acompanhará até o fim.

Todos os dias, qualquer coisa pode acontecer.

Um dos artistas mais originais do rock alternativo, Daniel Johnston, defende essa fé na felicidade a dois na música "True Love Will Find You in the End":

O verdadeiro amor o encontrará no final,
Você vai perceber quem era seu amigo.
Não fique triste, (...)

mas não desista até que
o verdadeiro amor o encontre no final.

Essa é uma promessa com uma armadilha:
você só o encontrará se procurá-lo,
porque o amor verdadeiro também está à sua procura.
Como você irá reconhecê-lo se não der um passo para a luz?
Não fique triste, (...)
mas não desista até que
o verdadeiro amor o encontre no final.

6

Minha bondade é tão ilimitada quanto o mar, e tão profundo como este é o meu amor. Quanto mais te dou, mais tenho, pois ambos são infinitos.

Esse momento sublime de *Romeu e Julieta*, o grande drama de Shakespeare sobre o amor, reflete sobre o que constitui a *essência* de qualquer romance: o desejo.

Quando Romeu vê sua Julieta na sacada, sente um desejo incontrolável que o obriga a superar todos os obstáculos para unir-se a ela, o que inclui desafiar os membros de sua própria linhagem, que estão enfrentando a família da donzela.

Logo, o desejo seria aquilo que nos tira de nossa *zona de conforto* para fazer com que nos aventuremos nos mistérios e perigos do amor.

Sobre esse assunto, José Antonio Marina e Marisa López Penas fazem a seguinte afirmação no *Diccionario de los Sentimientos* (Dicionário dos sentimentos):

O amor aparece quando o objeto estimado desperta o desejo. E o desejo se empenha em alcançar seu objetivo. Isso é o que nos diz a palavra "querer". Ela é uma palavra deslumbrante porque nos leva à ação, ao desejo e à vontade. Querer significa desejar, amar, ter determinação para fazer algo, tentar, empenhar-se.

Portanto, o desejo nos desloca da inércia à ação, da serenidade à agitação. Somos seduzidos por alguém e nos dirigimos a essa pessoa.

Segundo José Antonio e Marisa:

De forma geral, amamos tudo o que desejamos. (...) o desejo de estar com o objeto amado pode se transformar no desejo de possuí-lo.

Se bem-sucedido, esse desejo bidirecional corresponde ao amor de um casal. E, para que perdure, o fogo da paixão precisa ser alimentado através de brincadeiras, detalhes e surpresas, como quando sentíamos que nosso amado ou amada se encontrava inatingível em uma sacada.

7

Na amizade e no amor se é mais feliz com a ignorância do que com o saber.

NÃO HÁ DÚVIDA DE que o amor e o mistério andam de mãos dadas, por isso não é bom analisá-lo nem querer saber tudo sobre ele. O sentimento amoroso é uma delicada criatura que, se dissecada, pode morrer.

Talvez por causa disso seja comum dizer que o amor é cego e ouvir frases como "Estou apaixonado por você, mas não sei por quê".

Um grande especialista nos assuntos do coração é o romancista inglês Julian Barnes, que ficou famoso por seu hilário romance *Em tom de conversa*, que descreve o triângulo amoroso entre dois amigos e uma garota, personagens que o autor retoma no livro *Amor, etc.*

Neste trecho, ele aborda o caráter vago e enigmático do amor:

Você não sabe exatamente quando se apaixona por alguém, não é mesmo? Não existe o momento repentino em que a música para e vocês olham nos olhos um do outro pela primeira vez, ou algo do gênero. Bom, talvez seja assim para algumas pessoas, mas não para mim. Uma amiga me disse que se apaixonou por um garoto quando acordou pela manhã e se deu conta de que ele não roncava. Não é grande coisa, certo? Mas parece verdade.

Vamos supor que você olhe para trás e selecione um momento dentre vários e então se atenha a ele. Mamãe sempre dizia que se apaixonou por papai quando viu quão precisos e suaves eram os movimentos de seus dedos enquanto preparava seu cachimbo. Eu não acreditava muito nisso, mas sempre contava essa história com convicção. E todo mundo tem uma resposta, não é mesmo?

“Eu me apaixonei por ele, então…” ou “Me apaixonei por ele porque…”. É uma espécie de necessidade social. Não se pode dizer “Ah, não me lembro” ou “Não foi nada de mais”, não é verdade?

8

Tão impossível é avivar o lume com neve quanto apagar o fogo do amor com palavras.

NÃO SE PODE APAGAR o amor com palavras, como adverte Shakespeare, mas elas podem nos ensinar a compreendê-lo para não darmos sempre de cara na parede.

Assim como as obras de teatro deram uma educação sentimental para dezenas de gerações, na era moderna as grandes histórias de amor da literatura guiaram os leitores pelos intrincados caminhos do coração.

Em seu romance *A gramática do amor*, a autora Rocío Carmona reúne sete grandes obras do gênero para entender essa difícil arte. Cada uma delas nos ensina algo que precisamos saber para amar melhor.

Ela explica abaixo por que deveríamos lê-las:

- *Anna Karenina*. Leon Tolstói mostra a diferença entre os amores tranquilos e as paixões arrebatadoras, aquelas que arrasam tudo e nas quais nada faz sentido se não for pelo prisma da própria relação. A protagonista vive um desses amores eletrizantes e destrutivos com o conde Vrónski. Por outro lado, a antagonista do romance, Kitty, entrega-se a um amor em que o projeto comum e o bem do outro prevalecem. A moral da história, levando-se em consideração o final, parece clara…
- *Carta de uma desconhecida*. Esse curto romance de Stefan Zweig contém um ensinamento simples, mas poderoso: os sentimentos, sejam quais forem, devem encontrar uma forma de expressão. Caso contrário, apodrecem e podem provocar doenças da alma.

- *A sul da fronteira, a oeste do Sol*. O livro de Haruki Murakami mostra a importância do primeiro amor, cuja lembrança e cujos parâmetros perduram muito além da adolescência ou do início da fase adulta.
- *O amor nos tempos do cólera.* O romance de Gabriel García Márquez contém dois personagens inesquecíveis: Florentino Ariza e Fermina Daza. Seus amores não correspondidos, talvez precisamente porque não o são, mostram que os sentimentos mais profundos não acabam com o tempo e, se alimentados, podem permanecer vivos para sempre.
- *Os sofrimentos do jovem Werther*. Em seu dramático romance, Goethe nos alerta para os perigos dos amores não correspondidos. Por mais bonito que seja nos entregarmos a um amor platônico, corremos o risco de ficar presos a uma relação sem sentido; por isso, se ela não for adiante, talvez seja mais inteligente rompê-la.
- *Jane Eyre*. Nele, Charlotte Brontë mostra como uma mulher também pode tomar a iniciativa. A protagonista, criada para ser uma dessas damas "resistentes, abnegadas e pacientes", é capaz de enfrentar as dificuldades e dizer a Rochester, com muita naturalidade, que está apaixonada por ele. Um verdadeiro feito para uma mulher do século XIX.
- *Orgulho e preconceito.* Elizabeth e o Sr. Darcy passam o romance inteiro construindo muros para ocultar seus sentimentos. A história deles, criada por Jane Austen, nos mostra que, para nos entregarmos por completo ao outro, primeiro temos que derrubar essas barreiras. Assim poderemos mostrar quem realmente somos, sem nos esconder atrás de máscaras nem de fingimentos.

9

Duvides de que as estrelas sejam fogo, duvides de que o Sol se mova, duvides de que a verdade seja mentira, mas não duvides jamais de que te amo.

Esse célebre fragmento de *Hamlet* demonstra o melhor presente que um apaixonado pode oferecer ao seu parceiro: a segurança e a convicção daquilo que sente.

Quando pensamos ter encontrado nossa alma gêmea, após um período inicial de intenso amor, ficamos com medo de que essa felicidade não dure. Tememos que o outro acabe se cansando de nós, que se comporte de forma diferente da que imaginávamos, ou até que encontre outra pessoa de que goste mais.

Esses tipos de insegurança costumam gerar um ciúme doentio e uma atitude controladora, o que destrói a naturalidade e a vivacidade da relação.

A falta de confiança é um sério risco para o amor, mas dispomos de três ferramentas para evitá-la:

1. *Expressar todo dia verbalmente o que sentimos*. Muitas inseguranças e temores nascem da ausência de manifestação das emoções, quando a relação é estável. Não é preciso ser Shakespeare para dizer ao nosso parceiro todos os dias, de forma simples e honesta, o que ele significa para nós.
2. *Evitar as atitudes ambíguas*. Ao interagir com pessoas do sexo desejado, uma distância segura evitará que o nosso parceiro seja consumido pela insegurança, ao mesmo tempo que nos resguardamos das tentações que podem tensionar nosso relacionamento amoroso até rompê-lo.

3. *Fugir do pessimismo*. Ressaltar sempre aquilo que não funciona na relação gera muita inquietude, já que o outro começará a pensar que não estamos satisfeitos em sua companhia. Não devemos nos esquecer daquilo que pode ser melhorado, mas também não podemos deixar de destacar aquilo que possui luz própria.

10

O amor alivia, assim como o brilho do sol após a chuva.

A AVENTURA DO AMOR está cheia de altos e baixos, de vaivéns existenciais e de pequenas vitórias e fracassos. Sem dúvida, os assuntos do coração são uma lição de vida, já que conduzem nossas emoções e nossa inteligência à beira de abismos que nos causam vertigem.

O poeta alemão Friedrich Schiller resumiu os ensinamentos de uma vida apaixonada da seguinte forma em seu poema *Três palavras de força*:

Há três lições que eu traçara
com a pena ardente que fundo queimara,
deixando um rastro de luz bendita
onde quer que um peito mortal palpita.

Tenha Esperança. Se há trovões,
se houver decepções e não ilusões,
desfranza o cenho, sua sombra é vã,
que a cada noite segue um amanhã.

Tenha Fé. Aonde quer que seu barco empurrem
brisas que bramam ou ondas que rugem,
Deus (não esqueça) governa o céu,
e a terra, e as brisas, e o pequeno barco ao léu.

Tenha Amor, e goste de não estar só,
que somos irmãos de polo a polo,
e para o bem de todos o seu amor progrida,
como o sol derrama sua luz amiga.

Cresça, ame, espere! Grave em seu seio
as três, e aguarde firme e sereno
as forças, onde outros naufragam,
a luz, quando muitos às escuras vagam.

11

Não tenha medo da grandeza. Alguns nascem grandes, alguns obtêm grandeza, a alguns a grandeza é imposta e em outros a grandeza fica exagerada.

Nosso horizonte tem o tamanho exato de nossas aspirações. Aqueles que acreditam que nunca poderão amar porque são inferiores aos outros, porque a sorte não lhes sorriu até agora ou porque o romantismo moderno é uma grande invenção de Hollywood, na realidade estão se acomodando a seus preconceitos para não tomar uma atitude.

É mais fácil e menos cansativo fracassar de antemão do que fazer algo por nossa felicidade.

Decerto o mundo está cheio de pessoas que não têm um par, mas muitas se colocaram nessa situação devido a falsas crenças em relação ao amor, como:

- Só os belos ou ricos têm facilidade para seduzir.
- O amor é para jovens, pois requer ingenuidade. A partir de certa idade é impossível se apaixonar.
- Se fracassei tantas vezes em minhas relações amorosas é porque não estou pronto para viver um relacionamento a dois.
- Se a chama da paixão apaga poucos anos depois, qual é o objetivo de acender o pavio?
- Quando você se entrega a alguém, sempre acaba saindo machucado.

Esses são apenas alguns exemplos de pensamentos negativos sobre o amor que nos deixam sem ação. Trata-se de raciocínios limitadores que devemos

abandonar para subirmos ao palco da vida sem ideias preconceituosas. Só assim obteremos resultados diferentes.

Como dizem os mestres do zen-budismo: quando você muda, todas as suas circunstâncias também mudam.

12

O amor, cego que é, impede os amantes de ver as agradáveis loucuras que cometem.

É UM LUGAR-COMUM QUE o amor é cego, imagem comumente associada ao Cupido, tido como o responsável pela paixão e pelo desamor, na forma de um inocente menino alado.

Inocente? Com os olhos vendados e munido de arco e flechas, Cupido semeia tanto felicidade como desespero. Segundo o mito, se você é um dos sortudos, seu coração será arrebatado por uma flecha com ponta de ouro. O amor correrá por suas veias. Mas, se a flecha que o atingiu tiver ponta de chumbo, prepare-se para chorar! Estas semeiam o esquecimento.

A mitologia romana diz que Cupido é filho de Vênus, a deusa do amor, e de Marte, o deus da guerra.

Não é por acaso que amor e guerra andam juntos, já que "amar é uma batalha constante que precisamos travar no dia a dia".

De acordo com algumas versões, Cupido nasceu em Chipre e sua mãe precisou escondê-lo em um bosque para que fosse criado por animais selvagens. O deus Júpiter, o grande responsável pela paz e a ordem do universo, previu o mal que o menino semearia e queria destruí-lo. Mas o Destino o impediu.

Cupido cresceu forte e audaz. Nenhum homem, nem deuses, nem ele próprio seriam imunes às suas flechas.

Desde então, nos apaixonamos cegamente e no momento mais improvável, pois nunca sabemos quando seremos atingidos pela flecha do amor.

13

Não jure pela Lua, que é inconstante e muda todos os meses em sua órbita circular, a menos que o seu amor seja igualmente instável.

Esse diálogo de *Romeu e Julieta* expressa o grande temor de todos os casais: a extinção do sentimento que alimentou a chama da ilusão e da felicidade.

A pergunta, contudo, seria: existe amor eterno?

Passamos séculos cantando, recitando ou pintando o caráter imperecível do amor, e sem dúvida os apaixonados estão convencidos de que aquilo que sentem vai durar para sempre.

Mas o que os cientistas pensam a respeito disso?

Boa notícia: segundo o Laboratório de Neurociência da Universidade Ibero-americana do México, *o amor eterno existe, sim.*

De acordo com diversas pesquisas, o amor romântico duradouro é baseado em questões neurobiológicas e evolutivas. Ele existe graças a substâncias nada poéticas como o cortisol, a vasopressina e a oxitocina, e não graças ao romantismo ou às joias, como alguns anúncios nos querem fazer acreditar.

Em nosso cérebro, o amor produz uma explosão cujos efeitos atuam como uma droga. As duas últimas substâncias citadas aparecem na segunda fase do processo de se apaixonar e permitem a criação de laços estáveis entre os indivíduos, produzindo uma sensação de segurança, o que transforma a paixão em amor estável.

Além disso, os hormônios atuam sobre os mecanismos de prazer e recompensa e, se continuarmos unidos a um determinado companheiro,

manterão seus níveis elevados com o passar do tempo.

Todos os românticos devem agradecer, portanto, à vasopressina e à oxitocina por manter viva a *química* da relação.

14

Quanto mais te odeio, mais me persegues.

Essa declaração de Hérmia é respondida por Helena em *Sonho de uma noite de verão* – talvez a mais célebre comédia de Shakespeare – da seguinte forma: "Quanto mais te amo, mais me aborreces."

Aqui está um segredo dos grandes sedutores: saber que a presa só pode ser capturada pelo predador furtivo. Na batalha do amor, as obviedades são castigadas e a sinceridade deve ser reservada para o momento adequado.

Assim como a borboleta que foge quando a perseguimos mas que pode pousar em nossa mão se estivermos distraídos, a sedução se baseia no desconhecimento que o outro tem de nossas intenções.

Na prática, vejamos o que deve ser evitado se quisermos atrair alguém:

- Ser insistentes de cara, já que isso só fará com que a outra pessoa fique estressada ou na defensiva.
- Mostrar claramente que nos sentimos atraídos pelo outro, por exemplo, através de bajulação ou de olhares indiscretos.
- Ficar cismados com nossas dúvidas, inseguranças ou problemas.
- Agir de forma diferente do normal.
- Não ouvir o que o outro diz, porque estamos preparando algo brilhante para falar em seguida.

No jogo da sedução, se há um interesse inicial, o mais importante deve ser não cometer erros que nos desqualifiquem. Ser amáveis mas não muito efusivos e deixar a pessoa à vontade em nossa presença é tudo o que se pode fazer para que, depois de um primeiro encontro, ela tenha vontade de nos rever.

15

Oh, amor poderoso, que às vezes faz da besta um homem, e outras, de um homem, uma besta!

O AMOR É UMA lição de vida, mas também um aprendizado da loucura criativa a que aspiravam os poetas do romantismo.

Não há antídoto melhor contra uma vida insípida e previsível do que uma boa flechada do Cupido que afaste toda a racionalidade para nos dedicarmos à paixão.

O alemão Friedrich Hölderlin assim contrapunha, em seu poema "Hyperion", o mundo ordenado e cabal à inquietude inesperada do amor:

Talvez eu nunca devesse ter ido à escola, pois foi nela que me tornei tão razoável, onde aprendi a me diferenciar de maneira fundamental daquilo que me rodeia; agora estou isolado entre a beleza do mundo, fui assim expulso do jardim da natureza, onde crescia e florescia, e me aqueço ao sol do meio-dia. Ah, sim! O homem é um deus quando sonha e um mendigo quando reflete.

Sem dúvida o fato de estarmos apaixonados nos eleva sobre a realidade cotidiana e permite que contemplemos a vida sob uma perspectiva mais ampla e ousada. Talvez por isso precisemos amar, para rejuvenescer e recuperar os sonhos infantis com aventuras sem fim em bosques encantados.

O amor desenterra os instintos e nos conecta de novo aos mistérios do mundo.

16

Tenho medo é do seu medo.

Os temores são provavelmente o maior fator de risco em nossa relação, já que criam fantasmas que dificultam o dia a dia e provocam discussões intermináveis que desgastam o casal.

Vejamos os medos mais comuns que podem destruir a relação:

- A possibilidade de que o outro conheça uma pessoa mais interessante que nós.
- Uma liberdade excessiva que mostre ao outro que o mundo construído por vocês é muito pequeno.
- O cansaço com uma relação que antes o motivava, mas agora lhe parece monótona.

No cerne dessas questões há um único temor: *não ser suficiente para a pessoa que amamos*. Contudo, isso não se resolve com chatices, interrogatórios constantes ou punições para que o outro se dê conta de algo de que talvez nem tenha consciência.

Assim como uma profecia de autorrealização, se dissermos a nós mesmos e ao nosso par que a relação irá terminar, é isso que acabará acontecendo.

17

O amor é uma fumaça formada pelo vapor dos suspiros. Alentado, é um fogo a brilhar nos olhos dos apaixonados. Revolto, é um mar nutrido pelas lágrimas dos amantes. Que mais será? O amor é uma loucura sensata, um fel que adoça, uma doçura que amarga.

Essa passagem de *Romeu e Julieta* acerca da natureza do amor nos faz ver até que ponto ele é mutável e indescritível, na medida em que é incompreensível. Muitos quiseram domar o amor, mas não tiveram êxito, como mostra o conto a seguir de Emilia Pardo Bazán, uma escritora galega do século XIX adepta do naturalismo:

Eva queria se livrar do Amor que a perseguia sem a deixar respirar. Ela viajou para quebrar o feitiço, mas não adiantou. Eva se enclausurou numa torre altíssima, mas, numa noite em que se debruçou na sacada, ele entrou. Eva tentou estabelecer regras, mas elas escorreram pelas rachaduras das paredes. Tentou cobri-las com cal, mas isso também não deu certo.

Em cada ponto onde Eva parava, o Amor reaparecia e lhe dizia com um sorriso malandro e confidencial: *Não irei me separar de você. Vamos juntos.*

Desesperada e sem hesitar, ela começou a pensar em como se livrar dele, porque entre o Amor e Eva a luta era mortal e não importava como se vencia e, sim, somente a vitória.

A mulher preparou suas redes e anzóis e, colocando neles isca de flores e mel dulcíssimo, atraiu o Amor com graciosas piscadas e dirigindo-lhe sorrisos com embriagante ternura entre graves e mimosas palavras, em voz velada pela emoção, e o Amor acudiu voando, alegre, gentil, feliz, confuso e confiante como uma criança, impetuoso e convencido como um adolescente, plácido e sereno como um homem vigoroso.

Então Eva o asfixiou com as próprias mãos.

O Amor não respirava nem se mexia; estava morto. Ao mesmo tempo que se certificava disso, a criminosa sentiu uma dor terrível, estranha, inexplicável, algo como uma onda de sangue que alcançava o seu cérebro e como um anel de ferro que oprimia gradualmente seu peito, asfixiando-a. Compreendeu o que estava acontecendo… O Amor que acreditava ter em seus braços estava lá dentro, em seu próprio coração, e Eva, ao assassiná-lo, tinha se suicidado.

18

Um homem que não se alimenta de seus sonhos envelhece cedo.

Este livro tem como foco a paixão de um casal, mas os domínios do amor não terminam por aí. Como foi dito no prólogo, o amor é o que move o mundo, e as nossas maiores conquistas, tanto as individuais quanto as coletivas, são impulsionadas pelo amor por um sonho.

No caso dos amantes de Verona, é o desejo de Romeu de ficar com Julieta e vice-versa, mas há muitos outros sonhos que alimentam nosso espírito e o mantêm jovem, como afirmava Shakespeare.

O amor à ciência, à leitura, à arte ou a uma determinada atividade pode alimentar o encantamento e nos compensar pelos dissabores de um dia a dia nem sempre poético.

Entretanto, assim como a paixão tem como inimigos a rotina e a falta de criatividade, nossos outros sonhos também têm inimigos à espreita. E eles são basicamente:

- O pessimismo de companhias que, por sua própria passividade, nos desanimam de nossos projetos.
- O medo de não sermos capazes de fazer aquilo a que nos propomos.
- A falta de concretude em nosso objetivo ou a incapacidade de desenvolver um plano viável, passo a passo, para atingir a meta.

Se formos capazes de vencer esses três inimigos dos sonhos realizáveis, conseguiremos ser heróis por amor e viver nossas paixões, quaisquer que sejam.

19

Nossas dúvidas são traidoras que muitas vezes nos fazem perder o bem que poderíamos ganhar.

AS DÚVIDAS SÃO MINAS extremamente destrutivas no terreno do relacionamento a dois; mais cedo ou mais tarde, corremos o risco de pisar nelas. No início, só prestamos atenção nos aspectos positivos da relação, mas esta, depois de firmada, em algum momento será tomada por dúvidas como "Esse relacionamento de fato funciona?" e deveremos concluir se as dúvidas são fundamentadas ou não.

Walter Riso, psicólogo e ensaísta italiano radicado na Argentina, examina os casos em que vale a pena tomar decisões corajosas, seja rompendo o relacionamento, seja dando um tempo.

Temos de tomar medidas sobre o assunto quando…

1. O outro nos demonstra de maneira óbvia que não nos quer mais, ainda que permaneça conosco por comodidade ou por medo de ser sincero ou de ficar sozinho.
2. Torna-se evidente que o outro construiu uma vida paralela na qual não nos encaixamos.
3. Toda a relação gira em torno da resolução dos problemas da outra pessoa, fazendo com que nos esqueçamos de nós mesmos.
4. O outro é ambíguo conosco e não consegue se comprometer, mas também não se decide a terminar.
5. Há uma assimetria muito evidente no casal: uma das partes dedica muito mais tempo e atenção ao relacionamento.

Esses sinais de alerta, entre outros, são suficientes para falarmos de forma franca com nosso parceiro, para acabarmos com as dúvidas e avançarmos rumo a uma nova plenitude.

20

Quem muito se aproxima do Sol com asas de ouro as derrete.

O GRANDE RISCO DE um amor arrebatador é, como mostra o mito de Ícaro, nos elevarmos sobre o nosso cotidiano e queimarmos as asas que fizeram crescer a paixão.

Para viver o amor intensamente também é preciso sofrer, seja porque sentimos a pessoa amada mais longe do que desejávamos ou porque tememos perdê-la.

São medos totalmente humanos e razoáveis que estão contidos no pacote do amor.

Se servir de consolo, até as figuras mais aguerridas da História sofreram sob o sol abrasador que faz arder as asas dos apaixonados, como Napoleão Bonaparte.

O militar corso arrasou países, foi imperador da França e rei da Itália. Grande estrategista militar, publicou códigos de leis que séculos depois ainda têm bastante influência… e, embora seja difícil imaginar, foi um homem apaixonado e muito inseguro no amor.

Em 1796, casou-se com a amante de Paul Barras, chefe político da época, chamada Joséphine de Beauharnais. Bonaparte sofria de amor cada vez que saía para uma batalha, como demonstra esta carta que escreveu para Joséphine no mesmo ano em que se casaram:

Não passo um dia sem te desejar, nem uma noite sem te apertar nos meus braços; não tomo uma xícara de chá sem amaldiçoar a glória e a ambição que me mantêm afastado da vida da minha vida. (…) que andaste tu a fazer, porque não escreveste a teu marido?

Se até Napoleão temia e se angustiava por amor, aceitemos também o preço de nos entregarmos a outra alma.

21

Seja o que for que você pense, creio que é melhor dizê-lo com boas palavras.

Fala-se muito da importância do sexo para a saúde do casal, mas há algo muito mais constante e que provoca mais rompimentos do que aquilo que pode acontecer debaixo dos lençóis.

Trata-se da linguagem verbal.

Em todo relacionamento há momentos de atrito e desequilíbrio que devem ser amenizados com palavras, mas nem sempre elegemos as mais adequadas. Na verdade, frequentemente o tom e a linguagem escolhidos acabam provocando um incêndio onde só se havia produzido uma faísca.

O especialista em comunicação Ferran Ramon-Cortés faz a seguinte reflexão sobre esse tema:

Na maioria dos casos, o problema não é o que dizemos, mas como dizemos. Precisamos ir além das palavras para compreender por que a outra pessoa reage emocionalmente de determinada forma. Geralmente, entre o que acreditamos ter falado e o que de fato falamos costuma haver uma grande diferença. E essa diferença é dada por nossos sentimentos, que podem atribuir um significado muito diferente às palavras. Se estamos chateados, comunicaremos ao outro nossa chateação, independentemente do que dissermos. Se estamos com raiva, iremos expressar isso de alguma forma. Se sinto desprezo pela pessoa que está diante de mim, acabarei transmitindo isso a ela, ainda que na forma de um elogio. Muitas vezes acreditamos estar expressando algo e, na realidade, passamos uma mensagem muito diferente, e provocamos uma reação emocional

no outro, porque expressamos o que sentimos, quaisquer que sejam as palavras utilizadas.

Se tivermos consciência disso, talvez a melhor solução seja não discutir nada quando estamos intoxicados pelas emoções negativas. É muito melhor esperar um momento mais propício no qual as palavras sejam um bálsamo, não um veneno.

22

Como você sabe que estou apaixonado?

QUEM FAZ A PERGUNTA é Valentino em *Os dois cavalheiros de Verona*, e Speed lhe responde da seguinte forma:

Por sinais óbvios. Você aprendeu a cruzar os braços, como alguém descontente; a entoar canções de amor, como um rouxinol; a caminhar sempre sozinho, como um leproso; a suspirar, como um aluno que perdeu seu abecedário; a soluçar, como uma jovem que enterrou sua avó; a jejuar, como quem está de dieta; a estar sempre em vigília, como quem teme um ladrão; a choramingar, como um mendigo no Dia de Todos os Santos.

Grande especialista em amor, Shakespeare consegue, no segundo ato dessa obra, unir imagens belas e significativas para diagnosticar o mal dos apaixonados. No entanto, o que diz a ciência hoje? Quais são os sinais físicos que nos permitem determinar que estamos apaixonados?

Todos sofremos, em algum momento, de palpitações, rubor, respiração acelerada, tremedeira nas mãos ou gagueira ao depararmos com a pessoa amada, mas o que acontece em nível bioquímico?

Ao que parece, a paixão atua sobretudo em dois âmbitos:

- *Esbanjamento bioquímico.* Ao nos apaixonarmos, liberamos hormônios como a dopamina e a oxitocina, que produzem excitação, otimismo e motivação. Os centros de prazer do cérebro se mostram muito ativos.
- *Alerta sexual.* Por mais que os poetas falem de amor de forma metafórica, uma consequência palpável da paixão é a excitação dos genitais – masculino

e feminino –, que se preparam para a união, impulsionados pela oxitocina.

São reações fisiológicas que confirmam que há muita química no amor, e que este é *a droga*, como a banda Roxy Music canta na música "Love is the Drug".

23

Minha coroa está no coração, não na minha cabeça.

O AMOR NOS FAZ reis, nos enche de poder para governar o próprio mundo no ritmo das batidas do coração.

Em um filme de 1995, Johnny Depp disse:

Na vida só há quatro questões importantes: o que é sagrado, de que é feito o espírito, por que vale a pena viver e por que vale a pena morrer. Só existe uma resposta para todas elas: o amor.

Essa citação de *Don Juan DeMarco* transformou-se numa das mais românticas da história do cinema. No filme, Depp é John Arnold DeMarco, um homem que acredita ser um infalível conquistador de corações.

A história é baseada em *Don Juan*, a mítica obra de Lorde Byron, um escritor fundamental do romantismo inglês. Havia muito de Don Juan nesse poeta de vida enlouquecida, que acabaria morrendo durante a Guerra de Independência da Grécia contra os turcos. Um conflito que nada tinha a ver com ele, mas que o apresentou à sua paixão aventureira.

Sem dúvida, Byron levava a coroa no coração e não temia amar, pois, conforme suas próprias palavras, acreditava que "o amor encontrará seu caminho, inclusive através de lugares onde nem os lobos se atreveriam a entrar".

24

Não existe nada bom nem mau; é o pensamento humano que faz com que pareça de uma forma ou de outra.

Uma das armadilhas nos domínios do coração é que frequentemente confundimos o desejo com o amor, a curiosidade ou a paixão com a afinidade que leva duas almas a caminharem juntas.

Sobretudo nos primeiros momentos do jogo, na adolescência, perdemos a cabeça por alguém que não conhecemos e pensamos em morrer se não formos correspondidos.

Entretanto, onde começam a realidade e a fantasia? Será que não confundimos quase sempre atração com amor?

Em seu clásico *A arte de amar*, o psicanalista alemão Erich Fromm afirmou:

O amor erótico é o desejo de fusão completa, de união com outra pessoa. Por sua própria natureza, é exclusivo e não universal; também é possível que seja a forma de amor mais falsa que existe. Em primeiro lugar, confunde-se facilmente com a experiência explosiva de se apaixonar, a súbita derrubada de barreiras que existiam até esse momento entre dois desconhecidos. Mas tal experiência é, pela própria natureza, de curta duração.

Uma forma de evitar decepções e de não criar falsas expectativas é, portanto, distinguir uma aventura fugaz do que pode se tornar uma relação sólida, que permita a duas almas crescerem juntas e se elevarem acima da presunção diária.

25

Em nossas loucas tentativas, renunciamos ao que somos pelo que esperamos ser.

Amor e liberdade deveriam caminhar juntos, mas infelizmente isso nem sempre acontece. Muitas discussões de relacionamento apoiam-se na falsa crença de que um pertence ao outro. Ledo engano.

Contra essa visão limitadora dos assuntos do coração, o francês Jacques Prévert assim falou neste poema sobre o amor livre:

Fui à feira dos pássaros
e comprei pássaros
para ti,
meu amor.
Fui à feira das flores
e comprei flores
para ti,
meu amor.
Fui à feira das ferragens
e comprei correntes,
pesadas correntes,
para ti,
meu amor.
E depois fui à feira dos escravos
e te procurei
mas não te encontrei,

meu amor.

26

É mais fácil obter o que se deseja com um sorriso do que com a ponta de uma espada.

Na arte da sedução, não são apenas as palavras que contam. A linguagem corporal também desempenha um poderoso papel para chamar a atenção da pessoa desejada.

Há um gesto natural e infalível que pode nos aproximar do outro como nenhuma outra coisa: o sorriso.

Quantas relações começaram com um sorriso e quantas se mantêm pelo senso de humor dos casais?

"É que ele(a) me faz rir" foi uma das respostas dadas pelos casais consultados em um amplo estudo no Reino Unido sobre o amor duradouro e as relações amorosas no século XXI.

Uma das primeiras expressões do amor do ser humano é o sorriso social, que começa a ser esboçado aos dois meses e estreita ainda mais o vínculo do bebê com os pais.

O sorriso é a cola natural de qualquer relação, principalmente das amorosas.

Esse gesto tão simples diminui a tensão entre duas pessoas. Os gregos já sabiam disso e, assim, no Panteão, Afrodite, deusa do amor, da fertilidade e da beleza, ostenta um belo sorriso, ao contrário de outras divindades, como Atena, de rosto sério que tem como um dos títulos o de deusa da guerra.

Portanto, se deseja alcançar o amor… sorria, por favor.

27

Não suje a fonte em que matou sua sede.

Todas as relações começam bem, mas nem todas acabam da mesma forma. O relacionamento a dois pode ser um paraíso, mas também pode se transformar num campo de batalha, no qual os lutadores tentam tornar a vida insuportável.

Como é possível que o amor migre para um território tão hostil?

Entre as muitas causas possíveis do desamor, que analisaremos mais adiante, uma muito comum é que deixamos de cuidar da relação.

Talvez por assumirmos que temos algo estável, em determinado momento passamos a não nos esforçar, convencidos de que o relacionamento "avança por conta própria".

A partir daí, abandonamos coisas que antes fazíamos pelo outro e a convivência vai se degradando de forma invisível, mas certeira.

O que podemos fazer para evitar que isso aconteça?

Segue abaixo um pacote de medidas práticas:

- Recuperar hábitos e rituais que o casal tinha no começo da relação (ir ao cinema, jantar em restaurantes românticos, sair para dançar…), mesmo que o façam somente uma vez por semana.
- Debater de forma tranquila e positiva (nunca em momentos de tensão) o que pode ser melhorado na vida a dois.
- Compartilhar com o outro nossos próprios problemas e anseios, ainda que eles não sejam fáceis de resolver. A cineasta alemã Doris Dörrie explicou isso muito bem com a seguinte frase: "As mulheres não buscam soluções para seus problemas. O que elas querem é falar sobre eles."

28

O amor que nos entregam se o pedimos é bom, mas o amor que nos dão sem precisarmos pedir é ainda melhor.

Como mostra Cupido, no amor e no desejo há sempre um elemento irracional. Até mesmo imprevisível.

Ao longo da vida, podemos nos sentir atraídos por certo tipo de pessoa e, de repente, depararmos com alguém que não tem nada a ver com o nosso "tipo" e, nesse momento, vivermos um arrebatamento passional.

A declaração de Olívia em *Noite de Reis* que encabeça este capítulo é muito semelhante ao que Jon Elster considera um significado oculto da palavra "paixão".

Segundo esse ensaísta norueguês:

A paixão é um termo estreitamente relacionado ao passivo. Embora a origem da palavra nunca possa servir como argumento para chegar a uma conclusão, nesse caso a etimologia se ajusta muito bem ao ponto de vista tradicional de que sofremos ou experimentamos as emoções passivamente, e não por escolha, de maneira ativa. As reações emocionais são eventos, e não ações.

Ou seja, por maior que seja a nossa inteligência emocional, jamais teremos controle absoluto sobre o que sentimos e desejamos. E não há nenhum problema nisso.

Às vezes não encontramos o amor justamente porque o estamos perseguindo. Talvez quando deixarmos de procurar a pessoa perfeita, aquela que combina

melhor conosco e com nossos desejos, então acharemos o amor que estava escondido à espera de uma oportunidade.

Como diz um velho ditado: "A sorte não é para quem a procura, mas para quem a encontra."

29

Aos infelizes resta apenas um remédio: a esperança.

Quem não daria qualquer coisa para viver sem dor, feliz e em plenas condições físicas? Sobretudo a partir da maturidade, é difícil que uma peça ou outra do nosso corpo não dê defeito.

Felizmente, temos um remédio universal para a dor: o amor. O que antes era uma metáfora ou uma mensagem de curandeiros hoje começa a fazer sentido à luz de estudos científicos mais recentes.

Um deles, publicado na prestigiosa revista científica *Plos One* e realizado pela Escola de Medicina da Universidade de Stanford, descobriu, mediante avaliações de imagem, que o amor intenso ativa as mesmas áreas do cérebro que a dor física.

São regiões cerebrais primitivas relacionadas às variações de humor, à recompensa e à dor. De fato, os analgésicos usados para combater a dor atuam sobre essas mesmas regiões.

Diante dessas surpreendentes descobertas, cabe perguntar se algum dia os médicos chegarão a receitar "amor" como tratamento para muitas doenças que hoje são consideradas crônicas e incuráveis.

Enquanto isso, vamos viver com mais amor, restabelecer relações enfraquecidas, estagnadas ou à beira do abismo, reviver amizades e acender a faísca da vida a dois.

Talvez dessa forma possamos prevenir a dor e, ao mesmo tempo, fazer com que a vida se torne mais agradável.

30

Mostre-me um homem que não seja escravo das suas paixões.

Os especialistas na arte do amor sabem que, quase sempre, as preliminares são mais importantes que o clímax.

É por isso que os mestres do tantrismo, como veremos mais adiante, ensinam seus discípulos a retardar o prazer à medida que prolongam as carícias e outras formas de contato – o olhar, por exemplo, mas principalmente a linguagem oral – entre os que decidiram se amar.

A esse respeito, em seu ensaio *Los secretos de la felicidad,* o catedrático de teoria da comunicação Sebastià Serrano explica:

Com frequência, satisfazer e saciar o desejo requer atenção e preparação, já que envolve longas, delicadas e, quase sempre, complexas negociações com a finalidade de atingir os objetivos necessários; por isso, as melhores estratégias exigem uma linguagem bem precisa. Não podemos nos esquecer de que a linguagem é o espelho no qual a inteligência se olha.

Não é por acaso que as histórias românticas literárias possuem diálogos vibrantes, já que, antes de os amantes se fundirem em um só, as palavras vão erguendo pontes, construindo convites e excitantes ambiguidades.

Um sedutor deve ter, portanto, o dom da palavra, que apaixona tanto ou mais do que um corpo escultural ou alguns recursos extras.

Depois das palavras, falam as mãos, como explica o profesor Serrano:

Quando tocamos com afeto, surgem inúmeras mensagens positivas que viajam através de nossos corpos até chegar aos cantos mais improváveis; são como uma espécie de cartas de amor que circulam por todos os nossos canais com o objetivo de inibir a dor, o estresse e a ansiedade, e de comunicar serenidade, bem-estar e felicidade.

31

Os improvisos são melhores quando são preparados.

SHAKESPEARE FOI UM ATOR de renome em sua época e conhecia o valor da espontaneidade, mas seu ofício também lhe ensinou que para improvisar é preciso estar preparado.

Um primeiro encontro amoroso equivale a pular no palco sem ensaio, então há certas coisas que é bom prever, a não ser que tenhamos muita experiência e facilidade para improvisar.

No entanto, o trabalho duro que pressupõe uma relação duradoura também exige certa habilidade na arte de amar.

No Reino Unido, foi elaborada uma pesquisa sobre os relacionamentos estáveis. Entrevistaram cerca de 4.500 adultos e obtiveram alguns dos ingredientes dessa almejada e milagrosa receita:

1. Prestar atenção aos mínimos detalhes.
2. Fazer o máximo de coisas juntos.
3. Ter cumplicidade na resolução de problemas e nas situações estressantes para o casal.

Além desses três itens básicos, o estudo nos convida a formular diariamente várias perguntas para alimentar uma relação duradoura:

- Como posso mostrar hoje o amor que sinto por meu companheiro ou companheira?
- O que podemos fazer juntos hoje para fortalecer o nosso vínculo?
- O que posso falar para lhe dar alegria?

- O que causa mais estresse ao meu companheiro ou companheira e como posso minimizar isso?
- Existe alguma coisa nele ou nela que me irrite que eu possa conscientemente tentar ignorar?
- O que devo ou não dizer para evitar conflitos desnecessários?

Muitos casais fracassam porque os "atores" da relação não fazem nenhuma pergunta sobre o drama que está acontecendo e as cortinas se fecham sem que eles tenham entendido o enredo da peça.

32

A juventude, ainda que ninguém a combata, encontra em si mesma seu próprio inimigo.

Os iniciantes na difícil arte do amor cometem erros que, sob o ponto de vista de alguém maduro, são ingênuos e de fácil correção. Por isso, algumas pessoas desejariam voltar ao passado com o conhecimento adquirido para não cometer falhas que arruinaram o que poderia ter sido um belo romance.

Vejamos alguns dos equívocos mais comuns da juventude que frustram as relações amorosas:

- Exagerar a importância do aspecto físico, quando a sedução depende em boa parte da personalidade e da espontaneidade.
- Pensar que devemos falar o tempo todo no primeiro encontro.
- Ser excessivamente solícitos com a outra pessoa, o que transmite uma imagem de insegurança, ao mesmo tempo que nos torna maçantes.
- Idealizar alguém que acabamos de conhecer.
- Não nos mostrarmos tal como somos. A naturalidade é a melhor ferramenta para criar vínculo com o outro.

Esses hábitos de "perdedor" no jogo do amor podem durar até a fase adulta, embora sejam mais característicos dos apaixonados inexperientes.

Se tivéssemos que resumir a arte da sedução em uma só lei, seria esta: "Seja você mesmo." Cedo ou tarde, sua verdadeira essência acabará aflorando, e você precisa de alguém que goste de você, não de uma máscara.

33

O deleite imaginário é tão doce que me encanta os sentidos. O que será, então, quando o paladar umedecido provar na realidade o néctar desse amor tão depurado?

Esse momento no terceiro ato de *Tróilo e Créssida* aponta para um dos segredos do prazer entre amantes: a espera. Talvez um dos motivos por que muitos casais acabam perdendo o apetite sexual é porque transformam o gozo em rotina.

Ainda que tenhamos uma relação estável, inclusive se vamos conviver com o nosso parceiro, para manter acesa a chama da paixão é importante que os prazeres sejam – ou que ao menos pareçam – furtivos.

Em seu artigo "Abstinencia y placer" (Abstinência e prazer), o jornalista espanhol Joan Barril apresentou a seguinte reflexão sobre o assunto:

Uma antiga teoria do prazer diz que, para alimentá-lo, é preciso cultivar a abstinência. Um copo de água gelada não é nada se o tomamos de qualquer maneira. Para desfrutá-lo de forma conveniente, é preciso passar sede por dois dias, com calor e excesso de sal. Quando finalmente tivermos acesso à água e ao copo embaçado pelo frescor do líquido, teremos que nos aproximar e dar pequenos goles, lentamente, deixando que os lábios se acostumem com o que será o final do sofrimento e finalmente beber todos os litros que o corpo aguentar.

Barril afirma também que uma pequena sensação de culpa pode ajudar a aumentar o prazer. Embora seja apenas fantasia, se nos convencermos naquele momento de que aquilo que faremos é ilícito, proibido e perigoso, multiplicaremos o desejo.

Imagine que não é seu companheiro ou cônjuge e, sim, seu chefe, um colega de trabalho, um cliente ou até mesmo um desconhecido com quem acabamos de cruzar. O que aconteceria nesse caso?

"O prazer transgressor caminhará então pela corda bamba da dúvida até que, finalmente, ficará evidente que não se pode fazer nada para diminuir sua influência", afirma o jornalista.

34

O aspecto exterior manifesta muitas vezes a condição interior do homem.

EXPRESSAR ABERTAMENTE O AMOR por outra pessoa nunca foi uma tarefa fácil. De fato, isso nem sequer foi permitido durante muitos séculos na história da humanidade.

Ainda hoje as demonstrações públicas de afeto não são bem-vistas em muitos países.

Portanto, os leques têm sido ao longo dos séculos um instrumento de expressão amorosa muito útil tanto em culturas orientais, como a japonesa ou a chinesa, quanto nas ocidentais.

Antigamente, no Ocidente, para flertar com o cavalheiro almejado, as damas brincavam com seus leques. Elas inventaram uma linguagem complexa para se comunicar em público com o pretendente desejado enquanto estavam acompanhadas da mãe ou de outra dama de companhia que zelava por sua boa conduta.

O uso dos leques como meio de comunicação – o Whatsapp da época – era tão difundido que começou a ser regulado e a sofrer restrições. Durante o reinado de Luís XV, chegou a ser proibido abri-lo em público diante da rainha, a não ser que as damas o oferecessem aberto, como uma bandeja, com a intenção de presenteá-lo.

As damas podiam esconder um sorriso malicioso impossível de dissimular de outro modo, ou esconder, ou até mesmo destacar, um olhar.

Abrir ou fechar o leque, passá-lo de uma das mãos à outra, abaná-lo depressa, deslizá-lo pelo rosto ou tocá-lo significavam coisas muito diferentes. De acordo

com o movimento, a dama podia dizer a um cavalheiro se o desejava, se era para deixá-la em paz porque já estava comprometida ou se estavam sendo vigiados.

Sem dúvida, um verdadeiro código do jogo amoroso.

35

Minhas palavras sobem voando, meus pensamentos ficam aqui embaixo; palavras sem pensamentos nunca chegam ao céu.

Das muitas maneiras que os apaixonados têm de se comunicar, talvez nenhuma seja tão sublime como as cartas, que hoje, infelizmente, estão quase em desuso.

Receber o envelope lacrado, desdobrar o fino papel que contém a tinta e sentir o aroma do amante… definitivamente, o gênero epistolar foi feito para o amor e devemos sentir compaixão daqueles que nunca receberam uma carta apaixonada.

Por meio de um de seus heterônimos, Álvaro de Campos, o divino poeta português Fernando Pessoa refletiu sobre essa bela prática que nunca deveria se perder, mesmo que as cartas da pessoa amada sirvam apenas para ser mantidas como tesouros em uma caixa.

Sabe-se que o próprio Pessoa escreveu em 1920 cerca de cinquenta epístolas amorosas a Ophélia Queiroz, uma datilógrafa que trabalhava na Baixa Pombalina, em Lisboa, onde o poeta era tradutor de correspondências comerciais.

Vejamos sua opinião sobre essa prática no poema abaixo:

Todas as cartas de amor são
ridículas.

Não seriam cartas de amor se não fossem
ridículas.

Também escrevi em meu tempo cartas de amor,
como as outras,
ridículas.

As cartas de amor, se há amor,
têm de ser ridículas.

Mas, afinal,
só as criaturas que nunca escreveram
cartas de amor
é que são
ridículas.

Quem me dera no tempo em que escrevia
sem me dar conta
cartas de amor
ridículas.

A verdade é que hoje
as minhas memórias
dessas cartas de amor
é que são ridículas.

(Todas as palavras esdrúxulas,
como os sentimentos esdrúxulos,
são naturalmente
ridículas.)

36

Se dois montam num cavalo, um deve ir atrás.

As relações amorosas são repletas de vaivéns e de mudanças de sorte. Um romance pode começar com maior envolvimento por parte do homem e, um ano depois, a outra parte investir mais esforços no relacionamento. O equilíbrio de forças pode ser novamente alterado com o tempo e voltar à situação inicial.

De qualquer forma, não importa quem se dedica mais, desde que a assimetria não seja muito grande.

Algumas pessoas são felizes se entregando a outra, mas, em compensação, acham difícil ser o alvo da entrega, e vice-versa. Talvez Shakespeare tenha se referido a isso com essa imagem do cavalo e dos cavaleiros.

A questão é: há outra forma de dividir as forças em uma relação a dois?

Talvez a resposta mais brilhante tenha sido a de Albert Camus:

Não caminhe diante de mim, pode ser que eu não o siga. Não caminhe atrás de mim, pode ser que eu não o guie. Caminhe ao meu lado e seja meu amigo.

37

É um amor bem pobre aquele que se pode medir.

O AMOR É IMENSURÁVEL. Vistos de fora, os apaixonados podem parecer encantadores, engraçados ou até mesmo patéticos. Assim como uma pessoa sóbria não compreende a risada dos bêbados, é impossível para quem vive à margem das paixões entender o frenesi do coração.

Talvez *Os sofrimentos do jovem Werther* seja o romance que melhor captou a loucura febril do apaixonado:

Ah! Que sensação agradável invade todo o meu ser quando, por acaso, meus dedos tocam os seus ou nossos pés se encontram debaixo da mesa! Afasto-os como um raio e uma força secreta me aproxima de novo contra minha vontade. A vertigem se apodera de todos os meus sentidos e sua inocência, sua alma cândida, não lhe permitem sequer imaginar o quanto me fazem sofrer essas insignificâncias. Se colocar sua mão sobre a minha enquanto falamos e se, no calor da conversa, você se aproximar tanto de mim que seu divino hálito se confundirá com o meu, acho que morreria, como se fosse ferido por um raio.

O romance de Goethe causou tanto impacto em sua época que a estimativa é de que tenha causado mais de dois mil suicídios entre os jovens que equiparavam suas mágoas às do torturado Werther. Por isso, o livro chegou a ser proibido em vários países.

Morrer por amor nunca pode ser justificado, mas morrer de amor, sim: significa deixar para trás o que fomos para nos reinventarmos, como um novo

ser que não teme a incerteza nem os abismos emocionais.

38

Em um minuto há muitos dias.

Rara é a efemeridade no amor, embora determinadas formas artísticas busquem a máxima expressão no menor espaço possível.

Uma das mais delicadas são os haicais japoneses, que em apenas três linhas curtas almejam estampar um momento sublime, como uma pintura realizada com escassas pinceladas.

Tradicionalmente, esse gênero retrata a natureza, mas em sua adaptação por parte dos autores de outras línguas, principalmente nos dias de hoje, o rol dos temas foi expandido para o amor, às vezes misturado com o humor.

Amor e humor, que poderosa combinação!

Um dos trabalhos mais bonitos nesse gênero é o "Rincón de haikus" (Recanto dos haicais), do uruguaio Mario Benedetti, que contém versos amorosos cheios de ironia e ternura, como estes:

não quero ver-te
pelo resto do ano,
ou seja, até terça-feira

em todo idílio
há uma boca que beija
e outra que é beijada

no amor
é virtuoso ser fiel,
mas não fanático

nada conforta
como um seio quente,
ou melhor, dois

quando você for,
não se esqueça de levar
seu desprezo

39

Ela está acima de qualquer elogio.
Um ermitão envelhecido por cem
invernos rejuvenesceria contemplando
seus olhos. Sua beleza reviveria
o ancião, fazendo-o parecer um
recém-nascido; suas muletas teriam aquele ar
tenro dos berços das crianças. Ela é um astro
que faz brilhar todas as coisas!

Esse discurso entusiasta, pronunciado por Biron em *Trabalhos de amor perdidos*, nos faz pensar em todos os dom-juans que se valeram de suas conquistas para alimentar o vigor da juventude, pelo menos o mental.

Um desses mulherengos incorrigíveis foi retratado pelo filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard em *Diário de um sedutor*. Escrito na década de 1840, argumenta que o desejo da possessão amorosa não é a conquista em si, mas a satisfação do ego ao capturar a presa para soltá-la logo depois de forma imprudente.

Em sua obra, Kierkegaard define da seguinte forma o que faz com que o conquistador aja assim:

Sou um esteta, um artista do amor, e acredito no amor; compreendi sua essência e seu interesse, conheço todos os seus segredos e tenho respeito por minhas próprias ideias; creio, efetivamente, que uma história de amor deve durar no máximo seis meses, e que toda relação deve cessar *ipso facto* quando não houver

nada mais para se aproveitar dela. Sei tudo isso e também sei que o maior deleite que se pode imaginar é o de ser amado, o de ser amado acima de todas as coisas do mundo. Introduzir-se no ser de uma garota com o espírito é uma arte, mas saber sair desse ser é uma obra-prima, embora o último dependa sempre do primeiro.

40

A fortuna chega em alguns barcos que não são guiados.

HÁ MUITA CASUALIDADE NO amor, já que a pessoa chega à nossa vida por meio de uma série quase infinita de coincidências. Se tivéssemos variado um determinado trajeto, deixado de comparecer a uma festa ou estudado certa matéria, jamais teríamos nos encontrado com ele ou com ela.

É, portanto, destino?

Talvez sim, mas dentro do lugar e da época em que nascemos. Se fosse antes ou depois, em uma latitude diferente, nosso destino teria se cumprido através de outra pessoa.

Shakespeare utiliza a imagem do barco para falar do acaso, e essa mesma figura serviu em 1930 ao filósofo galês Bertrand Russell para abordar duas qualidades do amor em *A conquista da felicidade*:

Se navegamos num barco em um dia esplêndido, margeando uma belíssima costa, nós a admiramos e isso nos dá prazer. Esse prazer resulta totalmente do olhar para fora, não tem relação com nenhuma necessidade desesperada nossa. Por outro lado, se o barco naufraga e temos que nadar até a costa, esta nos inspira um novo tipo de amor: representa a segurança contra as ondas e sua beleza ou feiura deixam de ser importantes. O melhor tipo de afeto é equivalente à sensação do homem cujo barco está seguro; o pior corresponde ao náufrago que nada. O primeiro tipo de afeto só é possível quando alguém se sente bem ou indiferente aos perigos à espreita; o segundo, por sua vez, é causado pela sensação de insegurança, que é muito mais subjetiva e egocêntrica do que a outra, pois

valoriza a pessoa amada pelos serviços prestados, e não por suas próprias qualidades.

Resumindo, Russell valoriza mais o amor sereno, fruto de um sentimento que foi forjado na calmaria do mar, do que a paixão do náufrago que precisa urgentemente se agarrar em alguma coisa.

Devemos amar por escolha, e não por desespero.

41

Ninguém admira a pressa, a não ser o negligente.

Os amantes experientes são reconhecidos por seu domínio do tempo narrativo nos encontros amorosos. Em vez de correr para saciar o desejo que a pessoa amada lhes desperta, freiam os acontecimentos e os regulam, pouco a pouco, para assim prolongar ao máximo o caminho para o êxtase.

A arte do tantra funciona justamente nesse sentido e ensina os amantes a adiar as recompensas para obter um prêmio muito maior. Vejamos, passo a passo e em termos gerais, como executar essa técnica erótica de origem hindu:

- Planejar o caminho para o êxtase do casal depois de, pelo menos, quatro encontros nos quais as coisas acontecerão de forma gradual.
- Antes do primeiro encontro, devemos preparar um ambiente relaxante e prazeroso, com música, aromas e talvez algumas bebidas. Estaremos de banho tomado e perfumados à espera do parceiro.
- A primeira sessão tântrica consistirá, antes de mais nada, na contemplação serena do corpo do outro para acender o desejo.
- Ainda no primeiro encontro, as carícias são permitidas, exceto na região genital. Trata-se de redescobrir cada parte do corpo do outro sem pressa.
- O segundo encontro começará novamente com carícias, lentas e delicadas, mas poderemos avançar para a área genital, tocando-a de forma sutil.
- Na terceira sessão tântrica, acrescentaremos a novidade do beijo em todas as partes do corpo, inclusive nos órgãos genitais.
- Após essa preparação, no quarto encontro poderemos partir para o ato sexual, nunca de forma acelerada, controlando a respiração e dosando a

excitação até o momento do orgasmo.

42

O inferno está vazio e todos os demônios estão aqui.

Provavelmente, os demônios a quem Shakespeare se refere fazem brincadeiras e se divirtem muitíssimo no campo do amor.

Porque, se a solidão pode ser amarga e tediosa, o encontro com a pessoa que tem outro passado, outras feridas e outros sonhos além dos nossos é sempre um exercício de encaixe do qual é comum saírem faíscas.

Curiosamente, muitas pessoas afirmam que viveram seus maiores momentos de solidão enquanto estavam apaixonadas, momento em que a imaginação dispara e os sentimentos se intensificam.

Estes versos de Giacomo Leopardi, o principal poeta do romantismo italiano, nos dizem que esses tipos de demônios podem ser um delicado prazer:

Os segredos do coração humano
são às vezes tão profundos
que não podem ser penetrados facilmente;
por essa razão,
os melhores momentos de um amor
são aqueles em que o assalta
uma serena e doce melancolia;
quando chora
sem saber por quê;
quando, de forma descansada, se resigna
diante de uma desventura sem saber qual é;

quando se deleita com uma ninharia
e sorri com menos ainda…

43

Para celebrar os ritos amorosos, aos amantes basta a luz de sua própria beleza, e, como o amor é cego, o que lhes cai melhor é a noite.

Essas são as palavras de Julieta no terceiro ato do grande drama romântico de Shakespeare, e a esses ritos amorosos e noturnos poderíamos acrescentar um jantar com alimentos que despertam a paixão.

Segundo os especialistas, estes são os que têm maior influência sobre a libido dos amantes:

- Chocolate: É de conhecimento geral o caráter afrodisíaco do cacau, que chegou à Europa após a colonização do México. Pesquisas recentes comprovaram que a cafeína, a teobromina, a serotonina e a feniletilamina presentes no chocolate estimulam a libido, além de ter ação antidepressiva e antiestresse.
- Vinho: Essa bebida é tradicionalmente associada a Dionísio, deus grego que inspirava cultos orgíacos. Embora tenha sido desbancado pelo champanhe, o vinho continua sendo relacionado ao romance.
- Champanhe: As borbulhas são a razão pela qual o champanhe obteve tanta fama como afrodisíaco. Elas permitem que a corrente sanguínea absorva rapidamente o álcool, gerando um efeito excitante.
- Mel: Os gregos elaboravam um vinho a partir do mel, que era considerado o elixir da imortalidade, além de alimento de deuses e poetas. Na Idade Média, começou-se a atribuir propriedades afrodisíacas à bebida.

- OSTRAS: Há séculos esse manjar marinho é considerado afrodisíaco, em parte porque sua forma lembra o órgão sexual feminino. Diferentes estudos comprovaram, no entanto, que não se trata de um mito: as ostras são a mais rica fonte natural de zinco, um mineral de essencial importância para a reprodução humana.
- GINSENG: Assim como acontece com as ostras, a forma fálica que às vezes essa raiz adquire fez com que ela fosse tradicionalmente associada à potência sexual. De fato, no Oriente o ginseng é preparado há séculos com esse fim.
- ERVAS E ESPECIARIAS: Tradicionalmente são considerados afrodisíacos a salsa, o cominho, o cardamomo, o coentro e a baunilha, e, em menor proporção, o gengibre, o anis, o tomilho e o alecrim.
- CRAVO-DA-ÍNDIA: Essa especiaria merece um lugar de destaque no mundo dos afrodisíacos. Há dois mil anos os chineses já a utilizavam para fazer elixires do amor.

44

Nosso destino não está nas estrelas, mas em nós mesmos.

Esse aforismo de Shakespeare aponta para uma síndrome comum nas pessoas solitárias: a crença de que estão excluídas da doçura do amor ou de que as relações em que podem se envolver são efêmeras e não alimentarão sua alma.

Estar sozinho e desanimado na frente do computador e tentar encontrar alguém ao estilo do filme *Mensagem para você*, estrelado por Meg Ryan e Tom Hanks, é hoje uma realidade para muita gente.

As redes sociais tornaram-se o grande ponto de encontro entre aqueles que procuram um amor, e é um preconceito infundado pensar que esse tipo de relação não pode ser intensa e duradoura.

Um estudo recente realizado pela Universidade de Chicago com mais de vinte mil casais dos Estados Unidos formados entre os anos de 2005 e 2012, descobriu que um em cada três havia se conhecido on-line. O dado alentador para quem opta pela rede para encontrar o amor é que houve um índice menor de rupturas em relação às uniões que se firmaram pelos canais tradicionais.

Os casais mais felizes eram aqueles que tinham se conhecido de forma mais natural, crescendo no mesmo ambiente, estudando juntos, apresentados por amigos ou em uma comunidade religiosa, em comparação com os que haviam se conhecido de forma pontual em um encontro às cegas, uma boate ou um bar e, inclusive, no trabalho.

E isso também acontecia na internet. Os casais que tinham se conhecido em salas de chat ou em fóruns eram menos felizes do que aqueles que tinham realizado previamente encontros on-line e dedicado o tempo necessário a aprofundar a relação antes de se conhecer pessoalmente.

Portanto, não há por que temer o ciberamor; devemos, sim, ser pacientes e saber abrir a porta quando estivermos convencidos de que vale a pena.

45

Assuma uma virtude se não a tiver.

MUITAS PESSOAS QUE SOFREM de desamor apontam motivos externos – a superficialidade nas redes sociais, a imaturidade de homens e mulheres, a ditadura da beleza –, mas o principal problema é que não amam a si mesmas.

E um requisito imprescindível para que os outros nos valorizem é que nós mesmos sejamos os primeiros a nos fazer esse favor.

Em seu livro *O poder está em você*, Louise L. Hay afirma o seguinte:

Todos sofremos uma carência de amor por nós mesmos. Para nós, é muito difícil ter amor-próprio porque carregamos esses supostos defeitos que tornam impossível nos amar tal como somos. Geralmente impomos condições para nos amar e, quando estamos numa relação, também estabelecemos condições para amar a outra pessoa. Todos já ouvimos que não podemos realmente falar com os outros até amarmos a nós mesmos. Então, agora que já vimos as barreiras que criamos, devemos começar a nos amar.

Portanto, se queremos abrir a porta para o apreço e o amor dos outros, antes devemos:

- Aceitar nosso jeito de ser e entender que somos únicos e especiais.
- Assumir que não somos perfeitos, mas que os outros também não o são, nem sequer as pessoas que mais admiramos.
- Mostrar nossa força em vez de nos queixarmos daquilo que não temos.
- Evitar criticar os outros em público, pois fazer isso é um hábito de pessoas tolas e sem atrativos.

- Encarar com humor nossos fracassos cotidianos.

46

O curso do amor verdadeiro nunca fluiu suavemente.

O ATO DE SE APAIXONAR é muitas vezes uma miragem que nós mesmos criamos, pois alguém que passa despercebido por qualquer um torna-se um modelo de virtudes e encantamento diante dos nossos olhos.

Sobre essa perigosa selva emocional, o psiquiatra norte-americano M. Scott Peck aponta em seu livro *A trilha menos percorrida*:

Apaixonar-se é uma forte experiência subjetiva. Quando uma pessoa se apaixona e expressa o que sente dizendo "Eu te amo", imediatamente temos dois problemas: o primeiro é que se apaixonar é uma experiência intimamente vinculada à sexualidade, já que não nos apaixonamos por nossos filhos, apesar de amá-los profundamente, do mesmo modo que não nos apaixonamos por amigos do mesmo sexo – a menos que sejamos homossexuais. Só nos apaixonamos quando consciente ou inconscientemente estamos sexualmente motivados.

Nesse sentido, os homens são mais propensos a tomar decisões equivocadas, pois, por serem menos analíticos que as mulheres, com frequência confundem o impulso com um sentimento de profunda comunhão.

Além do atrativo do sexo, esse autor argumenta que muitas relações que não têm futuro se iniciam pela necessidade de nos sentirmos acompanhados, ainda que de maneira inadequada:

Quase todos sentimos a solidão como algo penoso e desejamos escapar dela, sair de trás dos muros de nossa identidade individual para encontrar uma situação na qual nos identifiquemos mais com o mundo exterior. A experiência de se apaixonar nos permite essa evasão… temporariamente. A essência do fenômeno de se apaixonar é um repentino desmoronamento de uma parte dos limites do eu, o que permite que alguém funda sua identidade com a de outra pessoa.

Para Scott Peck, o amor verdadeiro transcende o desejo sexual, e o medo da solidão é o que nos impulsiona a firmar compromissos sérios. Por exemplo, quando pensamos que essa pessoa poderia ser o pai ou a mãe de nossos filhos ou quando somos capazes de imaginar a velhice ao seu lado.

Esse é o AMOR em letras maiúsculas e de longo prazo.

47

Se a música é o alimento do amor, não parem de tocar.

QUASE TODO CASAL TEM uma ou várias canções importantes em sua história. Pode ser a música que os fez se apaixonar ou dar o primeiro beijo, aquela ao som da qual dançaram juntos pela primeira vez, aquela com a qual se reconciliaram…

Seja pelo motivo que for, as melodias românticas fazem parte da história de amor de muitos casais. Mas por que algumas delas conseguem nos encantar e outras não?

Um estudo do Spotify realizado pela Universidade de Groningen, por Jacob Jolij e a presidente da Guild of Music Supervisors, Maureen Crowe, encontrou a fórmula perfeita para compor canções de amor eficientes, ou seja, as que conseguem fazer com que as pessoas se apaixonem ao ouvi-las.

A receita seria: *letra sentimental + tempo lento + ritmo marcado + notas agudas + progressão-padrão de acordes.*

De acordo com os pesquisadores, as canções feitas segundo esses critérios despertam emoções positivas que favorecem as lembranças agradáveis e o desejo pelo parceiro.

Se você ainda não tem sua música, comece a procurá-la. E, antes de um primeiro encontro em sua casa, lembre que qualquer uma das músicas a serem tocadas é candidata a se tornar a canção do casal.

48

Inquieta é a cabeça que carrega uma coroa.

No livro *Cuentos para pensar* (Contos para pensar), o escritor argentino Jorge Bucay narra a sua versão de uma história sobre os presentes dos amantes.

Dois jovens eram namorados desde que ela tinha 13 anos e ele, 18. O casal vivia numa pequena comunidade de lenhadores na encosta de uma montanha. Ele, alto, esbelto e musculoso, era lenhador de nascença, por herança e por ofício. Ela, linda e de olhos claros, tinha cabelos louros compridos que chegavam até a cintura.

Quando ela completou 18 anos e ele, 23, todos os moradores uniram esforços para ajudá-los a se casar. Eles foram presenteados com uma parte da floresta e com uma cabana, onde passaram a viver depois de uma festa que durou cinco dias… E moraram lá durante um ano deleitando-se com a companhia um do outro.

Perto do primeiro aniversário de casamento, ela sentiu que deveria fazer algo para provar seu amor profundo ao marido e decidiu ir à cidade ver o que poderia encontrar.

Passando pela joalheria, viu uma bela corrente de ouro. Então lembrou que seu marido adorava apenas um objeto material: o relógio de ouro que o avô dera a ele antes de morrer. Desde garoto, ele o guardava em um estojo de pano, na mesinha de cabeceira ao lado da cama. Toda noite, o pegava, lustrava-o e ficava escutando seu tique-taque por um longo tempo, como quem escuta a voz de um ente querido.

"Esta corrente de ouro seria um presente maravilhoso para usar com o relógio", pensou, e entrou para perguntar quanto custava.

A angústia a dominou. Era muito mais cara do que ela havia imaginado. Dessa forma, teria que esperar três aniversários para poder comprá-la. Saiu triste da joalheria, se perguntando o que poderia fazer para conseguir o dinheiro.

Ao passar pelo salão de beleza, ela viu um cartaz que dizia: COMPRA-SE CABELO NATURAL.

Ela acariciou seus longos cabelos louros, que não cortava desde os 10 anos, e não hesitou em entrar para perguntar. O dinheiro que lhe ofereceriam se cortasse o cabelo bem curtinho seria o suficiente para comprar a corrente de ouro para o relógio. Não tinha que pensar duas vezes…

No dia do aniversário, os dois apaixonados se abraçaram antes de ele ir trabalhar.

No momento em que o marido desapareceu no caminho que subia o morro, ela desceu para a cidade. Foi ao cabeleireiro e cortou o cabelo bem curto. Em seguida, depois de pegar o dinheiro, dirigiu-se emocionada à joalheria. Lá, comprou a corrente de ouro e uma caixa de madeira, onde colocou o presente, enquanto imaginava a cara dele ao recebê-la.

Ao voltar à cabana, cozinhou a comida preferida do marido e esperou o anoitecer, momento em que ele costumava retornar. Ao contrário dos outros dias, nos quais iluminava a casa quando ele chegava, apagou as luzes, deixando apenas duas velas acesas, e cobriu a cabeça com um lenço florido, porque ele também amava o cabelo da esposa e ela não queria que se desse conta de que o havia cortado.

Haveria tempo depois para explicar que um pequeno sacrifício não era nada quando feito pela pessoa amada…

Logo que o avistou, ela foi se perfumar.

Eles se abraçaram, se beijaram e disseram o quanto se amavam e o quão felizes estavam por viverem juntos. Então ela pegou embaixo da mesa a caixa de madeira que continha a corrente de ouro para o relógio, ao passo que o marido ia até o guarda-roupa, onde havia escondido um presente quando ela não estava.

Enquanto ele abria a caixa, ela rasgou ansiosa o pacote e encontrou dois enormes e caríssimos adornos de cabelo que ele havia comprado… vendendo o relógio de ouro do avô.

49

Sabemos o que somos,
mas não sabemos o que podemos ser.

Mesmo que o grande amor ainda não tenha aparecido na vida de uma pessoa, isso não significa que essa bênção lhe tenha sido negada. A flor do amor, planta caprichosa ao extremo, pode brotar muito depois de ter sido semeada.

Após eleger a semente adequada, é necessário ser um jardineiro persistente. Você terá que regá-la; nutri-la; protegê-la do excesso de água, para que não se afogue; da secura, para que não se asfixie; das mudanças climáticas; dos insetos e parasitas. Só assim pode nascer e crescer o amor que merece essa qualificação de verdadeiro ou consumado, de acordo com especialistas.

O amor duradouro é composto de três fatores em equilíbrio:

1. intimidade;
2. paixão;
3. compromisso ou entrega.

Esse tipo de amor requer algo mais do que pegar uma flor no campo ou sucumbir à flechada momentânea do Cupido, pois pode demorar pelo menos doze meses de relação para se consolidar, segundo um estudo da Universidade de Bath com 147 casais que se conheceram através da agência de encontros Match.com.

Dos entrevistados, 61% afirmaram sentir esse amor verdadeiro ou profundo baseado na intimidade, na paixão e no compromisso, e 16% alegavam sentir um *amor companheiro*, ou seja, com mais intimidade e compromisso e menos paixão.

Curiosamente, mais homens do que mulheres (67% e 57%, respectivamente) disseram sentir o verdadeiro amor. Em todo caso, a grande esperança transmitida pelo estudo é que esse tipo de amor não tem que ser instantâneo. Se a chama não é acesa na primeira vez, não há nenhum motivo para jogar a toalha. Vale a pena esperar para ver.

Depois de um tempo, estaremos com o parceiro sonhado na frente de uma bela fogueira no meio da noite.

50

O lunático, o amante e o poeta são compostos tão somente de imaginação.

A FRASE É DE TESEU em *Sonho de uma noite de verão* e a realidade dos amantes reitera essa ideia. Além disso, às vezes as excentricidades dos apaixonados acabam sendo, inclusive, coletivas.

Onde selar um amor?

Quando nasce um amor, nasce também uma ilusão e, com ela, os apaixonados trocam juras de amor eterno em uma vã tentativa de alcançar o inalcançável. É assim, com esse firme desejo de eternidade, que "as pontes do amor" foram se multiplicando no mundo.

Como se não bastasse navegar nos *bateaux mouches* sob as pontes do rio Sena, agora a moda é colocar um cadeado nelas, sobretudo na ponte de Solferino, na Itália, e depois jogar a chave no rio para que a promessa de amor não se desfaça.

É um belo ritual para quem quer se comprometer de corpo e alma com a história que ali se inicia.

Esse costume começou em outra cidade romântica, Roma, na ponte Mílvia, onde os protagonistas de um romance de Federico Moccia fecham um cadeado e lançam a chave no rio.

Desde então, os apaixonados vêm firmando compromissos com chave e cadeado em outras pontes italianas, como a Vecchio, de Florença, ou a Rialto, de Veneza, e o mesmo está acontecendo em outros países.

Embora as autoridades ameacem retirar os cadeados ou multar os casais que tentam colocá-los, sempre há alguém disposto a desafiar as normas.

Por fim, o que é o amor senão uma loucura e uma ponte que se estende entre dois corações?

51

Por você abandonei meus estudos, perdi tempo, desafiei a razão, desprezei o mundo; com fantasias minha inteligência ficou debilitada, com pensamentos se adoentou meu coração.

PROTEU SOLTA ESSA SÉRIE de críticas no primeiro ato de *Os dois cavalheiros de Verona*. Grande conhecedor da alma humana, Shakespeare denuncia uma das armadilhas que ameaçam o relacionamento de um casal: culpar o outro de todos os males.

Sob essa prática tão habitual de "jogar na cara" as verdades que o outro supostamente não quer ouvir, escondem-se problemas que deveriam ser discutidos para salvar a relação:

- *Frustração*. As críticas se multiplicam quando quem as profere está mais descontente com a própria vida e, assim, descarrega toda a culpa na pessoa mais próxima.
- *Não aceitação do outro.* Muitas críticas questionam o estilo de vida do casal, às vezes apontando para características fundamentais de seu caráter.
- *Luta pelo poder.* Esse tipo de dialética em geral determina que um membro do casal se submeta aos desejos ou às expectativas do outro, de modo que não contribui para criar equilíbrio, mas exatamente o contrário.

Uma frequente troca de reprovações é um indicativo de que o casal está em crise e, mais do que isso, que corre perigo, já que essas rixas destroem rapidamente os vínculos ao ferir o orgulho alheio.

Além disso, raramente produzem um resultado eficaz no outro, que, em vez de mudar, fica na defensiva.

Há muitas maneiras de negociar através das palavras sem que o nosso par se sinta questionado, ameaçado ou ridicularizado. Basta expressar com clareza o que nos fere e dar ao outro a oportunidade de apresentar uma solução.

Se o amor for forte o suficiente, uma solução será encontrada.

52

Quando não houver nada a perder, arrisque tudo.

Em 1992, o diretor argentino Eliseo Subiela surpreendeu o mundo do cinema com sua comédia *O lado escuro do coração*. Além de contar com Mario Benedetti lendo poesia alemã, o filme tem um protagonista que possui uma engenhoca singular debaixo da cama.

Trata-se, nada mais, nada menos, de um alçapão que o amante e anfitrião ativa através de um botão, fazendo desaparecer as mulheres inadequadas, como as que denuncia Oliverio Girondo neste poema:

Pouco me importa que as mulheres tenham
os seios como magnólias ou como figos secos;
uma pele de pêssego ou de papel de lixa.
Dou zero importância
ao fato de amanhecerem com um hálito
afrodisíaco ou com um hálito inseticida.
Sou perfeitamente capaz de suportar um nariz
que ganharia o primeiro lugar numa exposição de cenouras;
mas, isso sim! – e nisso sou irredutível –,
não lhes perdoo, sob nenhum pretexto:
que não saibam voar.

53

Um sentimento moderado revela amor profundo; um excessivo indica insensatez.

A Sra. Capuleto dá esse diagnóstico em *Romeu e Julieta*, embora os jovens amantes talvez não concordem.

Sem dúvida, no romance há um tempo para desencadear as paixões e outro para desfrutar o amor de forma mais serena e tranquila. Para essa fase madura, contamos com alguns álbuns que promovem a harmonia e a sensualidade a dois.

Segue uma pequena seleção feita por mim:

- *Songs from the Labyrinth*. As músicas de John Dowland – contemporâneo de Shakespeare – interpretadas por Sting são uma delícia para a alma. O líder do The Police precisou de anos de estudo vocal com um especialista em música renascentista para conseguir gravar esse álbum.
- *Chet Baker Sings*. Esse álbum do trompetista e cantor de jazz de vida atormentada é uma joia melódica que não deveria faltar em nossa *playlist*. É uma preparação perfeita para o amor.
- *The Convincer*. Trabalho maduro do produtor e músico Nick Lowe, com músicas dotadas de elegância e boas vibrações. Ele canta com a voz da experiência na arte de viver.
- *Chambre avec vue*. Com composições de Keren Ann e Benjamin Biolay, esse álbum de Henri Salvador é um tesouro de dinamismo e sofisticação para acalmar os ânimos após um dia tenso.
- *Philarmonics*. Esse álbum da dinamarquesa Agnes Obel é um dos trabalhos mais delicados da música pop atual, apresentando uma belíssima voz e

sinuosos acompanhamentos de piano.

54

O amor é muito jovem para saber o que é consciência.

Se fôssemos estritamente racionais, os casamentos ainda seriam arranjados. Na versão atual, um programa de computador elegeria a pessoa mais adequada para nós.

No entanto, o amor tal como o conhecemos foge dos caminhos retos e fáceis. É justamente sua essência tortuosa que nos atrai e o que avivou a imaginação de poetas como Lope de Vega.

Esse contemporâneo de Shakespeare descreveu o amor em seu soneto CXXVI através desta enumeração de ações e adjetivos:

Desmaiar, atrever-se, estar furioso,
áspero, terno, liberal, esquivo,
animado, mortal, defunto, vivo,
fiel, traiçoeiro, covarde e corajoso;
não encontrar, fora do bem, centro ou repouso,
mostrar-se alegre, triste, humilde, altivo,
irritado, valente, fugitivo,
satisfeito, ofendido, receoso;
virar o rosto ao claro desengano,
beber veneno tal qual licor suave,
esquecer o proveito, amar o dano;
acreditar que o céu no inferno cabe;
doar a vida e a alma a um desengano;
isto é amor, quem já provou sabe.

55

Embora eu não seja piloto,
se estivesses tão distante de mim como
as praias do mais longínquo mar,
te encontraria,
navegando até achar esse
precioso tesouro.

ESSA CENA DO SEGUNDO ato de *Romeu e Julieta* equipara o amor à mais preciosa das riquezas, já que sem ele tudo o que temos não pode brilhar.

Por isso, o amor merece a viagem mais longa para trazer de volta o ingrediente secreto que tempera todos os pratos da existência, como ilustra o conto a seguir:

Uma mulher viu três anciãos de barbas brancas no jardim de sua casa. Não sabia quem eram, mas ficou com pena e pediu que entrassem a fim de lhes oferecer algo para comer.

– O homem da casa está? – perguntou um deles.

– Não – respondeu a mulher.

Então os anciãos não aceitaram o convite.

Ao entardecer, quando o marido chegou em casa, ela lhe contou o que acontecera.

– Vá e diga que estou em casa e que os convido a entrar.

A esposa obedeceu e desta vez a resposta que recebeu foi diferente:

– Nós não podemos ser convidados para entrar em uma casa juntos – disse um deles, determinado.

– Por quê? – indagou a mulher, muito intrigada.

– Seu nome é Riqueza – disse o ancião com a barba mais esbranquiçada, apontando para um deles. E, indicando o outro, acrescentou: – Seu nome é Sucesso, e o meu é Amor… Agora, venha com seu marido e decida quem irá convidar.

O marido, emocionado, exclamou:

– Fantástico! Se esse é o problema, convidamos Riqueza. Assim, levaremos a riqueza para nossa casa.

Mas sua esposa comentou que era melhor convidarem Sucesso, para serem admirados por todos. Sua filha, que ouvia a conversa do quarto, exclamou:

– Por que não convidamos Amor? Por que sempre pensamos na riqueza e no sucesso como se o amor não fosse importante para nós?

Os pais, envergonhados, deram-lhe razão. Então a mulher foi ao encontro dos anciãos e perguntou:

– Qual dos senhores é Amor? Por favor, entre e seja nosso convidado.

Amor se pôs de pé e começou a caminhar. Os outros dois também se levantaram. Surpresa, a mulher olhou para Sucesso e Riqueza e questionou:

– Se eu convidei Amor, por que os senhores também vieram?

Os três anciãos responderam juntos:

– Se tivesse convidado Sucesso ou Riqueza, os outros teriam ficado de fora. Mas, aonde quer que o Amor vá, os outros o seguem. Onde há amor, sempre há sucesso e riqueza.

56

Fale baixo ao falar de amor.

JÁ SE FALOU DO AMOR de forma grandiosa e colocando meia dúzia de atores sobre o palco, como Shakespeare fez, mas autores modernos têm procurado analisá-lo nos mínimos detalhes para atingir sua essência.

Dentre todas as obras publicadas sobre o assunto, a que chama mais atenção é *Fragmentos de um discurso amoroso*, do semiólogo Roland Barthes, que inclui este singular – e um pouco debochado – dicionário de conceitos amorosos:

- ABRAÇO: o gesto do abraço amoroso parece concretizar, por um instante, o sonho de total união com o ser amado.
- ADORÁVEL: ao não conseguir nomear a singularidade de seu desejo pelo amado, o sujeito amoroso solta esta palavra meio boba: *adorável*!
- CIÚME: segundo o filósofo francês Émile Littré, é o "sentimento que nasce no amor e que é produzido pela crença de que a pessoa amada prefere outro".
- CORAÇÃO: essa palavra se aplica a todos os tipos de movimentos e desejos, mas o que é constante é o coração se tornar um objeto de doação – embora seja mal apreciado ou rejeitado.
- ESPERA: angústia suscitada ao aguardar o ser amado, submetida à possibilidade de pequenos atrasos (encontros, ligações, cartas, atenções recíprocas).
- INDUÇÃO: o ser amado é desejado porque outro, ou outros, lhe mostraram que ele é desejável: por mais especial que seja, o desejo amoroso se revela por indução.
- LANGUIDEZ: estado sutil do desejo amoroso, experimentado em sua ausência, quando não se quer agarrar tudo.

- NUVEM: sentido e uso do sombreamento de humor que se apodera do sujeito amoroso sob o efeito de várias circunstâncias.
- POR QUÊ: enquanto se pergunta obssesivamente por que não é amado, o sujeito amoroso acredita que, na verdade, o objeto amado o ama, mas não diz isso a ele.
- SUCÍDIO: no campo amoroso, o desejo de suicídio é frequente: uma minúcia o provoca.
- TE AMO: a figura não remete à declaração de amor, à confissão, mas à repetição do grito de amor.
- UNIÃO: sonho de total união com o ser amado.

57

Deixe-me confessar que somos dois, embora o nosso amor seja indivisível.

Esses versos do soneto XXXVI de Shakespeare falam de um sentimento que o falecido Gabriel García Márquez imortalizou em *O amor nos tempos do cólera*, que era a obra favorita do romancista colombiano.

Nas próprias palavras do prêmio Nobel de Literatura: "*Cem anos de solidão* é um livro mítico e eu não pretendo dividir nenhum mérito com ele. Mas *O amor nos tempos do cólera* é um livro que vai ficar. É um livro com os pés no chão sobre o que somos de verdade."

O AMOR em letras maiúsculas é o protagonista absoluto desse livro, que narra a história de um romance postergado durante toda a vida e que encontra a oportunidade de ser vivido na velhice.

Quem disse que o amor da vida de uma pessoa tem que ser o primeiro amor, o namorado ou namorada de longa data, ou o homem ou a mulher com quem você se casa? Por acaso, quando se tem os cabelos grisalhos, o rosto enrugado ou o corpo flácido, não é possível recuperar o amor e vibrar por dentro como um adolescente que está descobrindo a vida?

Gabo, exponente máximo do realismo mágico, atreveu-se a abordar em sua obra um tabu – tão real e ao mesmo tempo silenciado –: o amor entre dois anciãos. Os críticos literários talvez selecionassem outro livro como resumo de uma obra incomensurável, mas ele ficou com esse sobre a essência humana, um livro acerca da natureza do amor. Esse é o seu legado.

Esse amor no final da estrada também é real. E ao mesmo tempo é mágico.

58

A ti vigio, enquanto ao longe despertas,
Tão distante de mim e de outros,
tão perto.

O SONETO LXI DE Shakespeare reúne a dolorosa fase de afastamento no amor, quando, depois de ter dividido corpo e alma, sentimos o parceiro partir em direção a outros mares.

Normalmente isso acontece por causa da entrada de uma nova pessoa no tabuleiro do jogo, ainda que haja muito mais causas para o distanciamento.

Desleixo, tédio, rotina, ausência de paixão, uma infidelidade ou uma relação doentia são algumas das múltiplas razões que podem nos levar a pronunciar frases tão tristes como "Não sinto mais a mesma coisa por ele ou por ela" ou a uma terrível confisão: "O nosso amor acabou."

Ninguém quer que aconteça algo assim, mas acontece, e cada vez mais, a julgar pelo número de rompimentos e divórcios que cresce ano após ano nas sociedades contemporâneas.

Tempos ruins para o amor romântico?

Os especialistas afirmam que, para muitos casais, é difícil passar da fase da paixão para a do amor estável. Aí está o xis da questão. Alguns preferem voltar a experimentar a euforia hormonal produzida durante a paixão, algo que só pode durar, quando muito, dois ou três anos, e trocam de par constantemente em vez de se preocuparem em conhecer melhor o parceiro e tornar a união estável.

O amor dura três anos, segundo o título do romance de Frédéric Beigbeder (*L'amour dure trois ans*).

Trata-se, no entanto, de uma paixão pueril. Durante essa etapa, tende-se a idealizar as pessoas, enquanto o amor maduro permite ver a realidade e a pessoa

amada tal como elas são.

Para evitar que o amor morra, é importante ter interesses em comum e promover a comunicação, não só compartilhar o momento do sexo. E, em vez de pôr a culpa no outro, perguntar-se: como estou contribuindo para o relacionamento?

Se na paixão não há nada a fazer além de se deixar levar, no amor é preciso um trabalho diário. Como dizia o psicanalista Erich Fromm, o amor é uma arte que requer prática, disciplina e dedicação para alcançar o grau de maestria.

59

Preciso saber de você a cada dia e a cada hora!

A frase é de *Romeu e Julieta* e serve para introduzir uma história maravilhosa que demonstra o poder extraordinário do amor.

Ela tem como protagonistas Matthew Taylor, um jovem de origem britânica, e sua namorada, Handayani Nurul, de Bali. O que aconteceu com esse casal deveria suscitar a fé nas pessoas mais céticas e incrédulas.

Quando estavam para se casar, Matthew fraturou o crânio em um terrível acidente de moto e entrou em coma, num quadro que parecia irreversível.

Ele se encontrava em Bali quando sofreu o acidente e foi atendido lá para ser transportado posteriormente à Grã-Bretanha, onde estava sua família. A jovem balinesa ficou no país do amado durante três meses, mas, quando seu visto venceu, ela teve que voltar para a Indonésia.

Passaram-se dez meses durante os quais Matthew continuou em coma, sem mostrar sinais de melhora, até que um dia Handayani ligou e aproximaram o fone do jovem.

Quando ele escutou a voz da amada, aconteceu um milagre.

Pelo rosto de Matthew rolou uma lágrima e ele exibiu os primeiros sinais de recuperação enquanto começava a sair do coma.

Ao contrário do que os filmes mostram, essas situações não se resolvem de imediato, mas gradualmente. De todo modo, a voz da amada de Matthew ativou o início do processo.

A notícia se difundiu por inúmeros meios de comunicação em 2012. A força do amor foi manchete de todos os jornais.

Quem ainda resiste a acreditar em seu poder de cura?

60

Dispomos da razão para conter nossos loucos impulsos, nossas ferroadas carnais, nossa luxúria desenfreada, o que creio ser surto e fruto do que chamamos de amor.

O QUE IAGO DIZ em *Otelo* é a crença, mantida há séculos, de que amar equivale a sofrer dores indescritíveis.

No período barroco, diversos artistas o relacionavam a um sofrimento certeiro. Alguns o definiam como uma doença, outros como uma força irresistível que atrai o apaixonado.

Quevedo, um cavaleiro com linguagem poderosa e língua ferina, fez um poema ao "menino Amor" que perdura há séculos e contém algumas das imagens mais potentes e irônicas que podemos imaginar.

Sem dúvida, um bom antídoto para aliviar as dores da paixão.

É gelo abrasador, é fogo gelado,
é ferida que dói e não se sente,
é um sonhado bem, um mal presente,
é um breve descanso fatigado.
É um descuido que nos dá cuidado,
um covarde com nome de valente,
um solitário andar entre a gente,
um amar nada mais que ser amado.
É uma liberdade encarcerada,
que dura até o último momento;
doença que piora se é tratada.

Este é o menino Amor, este é seu tormento.
Vede a amizade que terá com nada,
o que em tudo vai contra o seu intento!

Como fez o autor desse poema para exorcizar as dores do amor, qualquer problema que o músculo que abrigamos em nosso peito enfrente pode ser aliviado com humor.

Amor e humor, como vimos, são a combinação perfeita para dominar a paixão.

61

Não me atrevo a oferecer o que desejo dar, tampouco a tomar o que me fará morrer, mas quanto mais procuro encobrir meu sentir, maior meu amor se mostra.

MIRANDA DIZ ESSAS EMOTIVAS palavras no terceiro ato de *A tempestade* e elas ressoam com força dentro de nós porque todos conhecemos, em algum momento, um amor proibido.

Assim como Romeu e Julieta não podem viver seu amor por pertencer a famílias inimigas, ao longo da História muitos apaixonados não puderam almejar a felicidade compartilhada por motivos de etnia, país, cultura, língua ou religião.

O amor não entende de fronteiras, mas o ser humano as ergueu onde não existiam e, com isso, provocou grande sofrimento a milhões de casais no mundo todo.

Na Alemanha de Hitler, os casamentos entre judeus e não judeus foram proibidos; na África do Sul, durante o regime do apartheid, foram proibidos os casamentos mistos e as pessoas foram segregadas em quatro grupos (brancos, negros, asiáticos e mestiços), que não podiam se misturar. Aliás, até 1967 eles eram proibidos em alguns estados norte-americanos.

Essas leis discriminatórias forçaram muitos casais a se separar, a se encontrar às escondidas e a viver em permanente angústia ao temerem ser descobertos e presos.

Atualmente, os casais mistos são cada vez mais frequentes, embora não seja comum fazer parte de um deles, revela Patricia Morén no livro *Parejas de colores* (Casais de cores). Ainda hoje, existem amores proibidos por lei, como os das pessoas homossexuais ou bissexuais, que são objeto de legislações punitivas em

muitos países, assim como os amores diferentes, formados por pessoas com grande diferença de idade ou com condições sociais distintas.

E, mesmo assim, muitas dessas pessoas decidem amar. Elas são a prova viva do imenso poder do coração humano.

62

Tenha cuidado com o ciúme: é um monstro de olhos verdes que debocha do alimento do qual se nutre.

O CIÚME É UM perigoso veneno capaz de romper os laços mais fortes. Na obra *Otelo*, de onde essa citação é extraída, o personagem Iago também diria no terceiro ato: "Insignificâncias ligeiras como o ar são para os ciumentos confirmações tão sólidas como trechos da Sagrada Escritura."

Sem dúvida, a sociedade atual, com as possibilidades de contato que as redes sociais promovem, dá muito mais margem a suspeitas do que na época de Shakespeare, na qual as relações entre homens e mulheres eran submetidas a estritos códigos de discrição.

Ainda assim, alguns especialistas afirmam, a favor do amor, que a grande maioria das ocasiões para trair é desperdiçada. Em seu livro *On Desire*: *Why We Want What We Want* (Sobre o desejo: por que nós queremos o que queremos), o profesor de filosofia William B. Irvine apresenta o seguinte raciocínio:

Por que não fazer isso quando o sexo está ao nosso alcance? Essa é a grande pergunta para a mentalidade moderna. Por que se negar a tirar partido de uma oportunidade de prazer? Antes de responder a essa questão, vale a pena ressaltar que a maioria das pessoas nega com frequência chances de obter prazer. (…) é raro que alguém se aproveite de toda a oportunidade sexual que lhe é apresentada e a razão é muito simples: os prazeres associados ao sexo, assim como os associados ao consumo de drogas, nos fazem pagar um preço. Somos

seletivamente celibatários porque nos damos conta de que às vezes não compensa pagar um preço associado às relações sexuais.

Essa constatação pode nos ajudar a manter o monstro de olhos verdes na linha até que não se tenha mais provas de que ele está vivo e pulsante.

63

A ternura é o prelúdio das lágrimas. Que melhor prova de lealdade do que essa que traz o pranto aos olhos?

LEONATO, EM *MUITO BARULHO POR NADA*, ressalta essa questão que um dos membros do casal terá que enfrentar alguma vez na vida.

Se a união não se desfaz por eventualidades mundanas, em algum ponto dessa aventura em comum um dos dois irá partir antes do outro, deixando um vazio que não pode ser preenchido.

Segundo os médicos, essa despedida implica riscos para aquele que fica, a não ser que este enfrente a nova etapa com novas alternativas de vida.

Um estudo publicado no *Journal of Epidemiology and Community Health* comprovou, com base em uma amostra de quatro mil casamentos, que os seis meses posteriores à morte de um cônjuge ou ser amado são críticos. A perda se soma aos outros fatores de risco individuais. É preciso cuidar, portanto, do coração ferido e tomar medidas balsâmicas para o duelo:

- Respeitar a tristeza da perda, sem diminuir nossas emoções nem escondê-las.
- Buscar apoio de outras pessoas próximas ao ser amado para dividir com elas a dor, mas também as belas recordações.
- Instaurar novos hábitos e costumes para não se chocar constantemente com o vazio que a perda deixou.
- Levar em consideração que, segundo os psicólogos, o luto pela morte de um ente querido leva um ano para acabar.

64

Como um calor substitui outro calor, ou um prego pode tirar outro prego, assim a lembrança do meu antigo amor foi esquecida graças a outro amor.

Essa declaração de Proteu em *Os dois cavalheiros de Verona* faz referência às segundas e terceiras chances no amor, algo que não deveria nos causar nenhum tipo de receio.

Se aceitamos que o avanço da ciência – e de qualquer atividade humana – baseia-se em "tentativa e erro", por que no amor deveria ser diferente?

Antoni Bolinches, autor de obras como *Amor al segundo intento* (Amor à segunda vista), apela para a sabedoria que adquirimos com os fracassos amorosos para obter uma relação satisfatória em todos os níveis.

Psicólogo clínico e sexólogo, ele opina que, se após o rompimento houver autocrítica, a pessoa estará preparada para amar de novo com maior conhecimento de causa. Nessa fase de amadurecimento emocional, o autor fala dos "quatro pilares do amor":

1. *Vida sexual satisfatória.* Um casal que abre mão do sexo raramente dá certo, embora tampouco seja bem-sucedido apenas com sexo.
   "Na estabilidade do casal, o sexo perde euforia. Por isso, é preciso rever as estratégias para manter o sexo agradável. Algumas regras de ouro: faça tudo o que quiser, não faça nada que você não queira, sempre faça com base no desejo."
2. *Compatibilidade de personalidades.* Se nosso par se lamenta de seus fracassos e culpa os outros por isso, ele será uma pessoa neurótica.

"A questão é se tornar uma pessoa madura, transformando o sofrimento em algo positivo e aprendendo com cada problema que surja na relação."

3. *Escala igual de valores*. Trata-se de harmonizar três elementos: os valores essenciais (língua, ideologia etc.), os funcionais (trabalho, por exemplo) e os hábitos a partir dos quais se cria um estilo de vida (alimentação, ócio etc.).
   "Se o casal não tem as mesmas prioridades, surgem os problemas na relação."
4. *Projeto de vida compartilhado*. Esse é o quarto pilar da estabilidade, a partir da "teoria da metade da laranja", que consiste em "buscar outra metade da laranja que tenha um projeto de vida parecido com o nosso".

65

Lutar pelo amor é bom, mas alcançá-lo sem luta é melhor.

O PRIMEIRO AMOR DEIXA em nós uma marca indelével. Para muita gente é impossível esquecê-lo e, ainda que tenham um namoro ou casamento feliz, a lembrança daquele romance inicial aparece na cabeça de forma intermitente.

Atualmente, parece tentador recorrer às redes sociais para retomar o contato com aquela primeira pessoa perdida, que a nostalgia nos faz parecer tão singular. Talvez só porque com ela descobrimos o primeiro beijo e trememos ao acariciá-la ou ao abraçá-la.

Muitos usuários de redes sociais já estão fazendo isso no mundo inteiro, o que leva a um aumento das infidelidades.

Entretanto, os psicólogos alertam que o resultado dessa tentativa de voltar para os braços do primeiro amor pode ser prejudicial emocionalmente. A memória é seletiva e apaga as lembranças ruins da experiência amorosa vivida.

Por que terminou? O que não funcionava?

Tentar colocar esse primeiro amor em um pedestal vinte anos depois e pensar que tudo voltará a ser como antes ou até melhor não é uma atitude realista. Além disso, muita gente tende a experimentar essa situação para fugir da própria realidade, de um casamento que caiu na rotina.

Nos Estados Unidos, a doutora Nancy Kalish, professora emérita de psicologia da California State University, após estudar esse fenômeno por mais de vinte anos, constatou que, na década de 1990, muitas pessoas desejavam se reencontrar com o primeiro amor porque seu relacionamento havia sido interrompido por razões como a desaprovação dos pais.

Em compensação, já em pleno século XXI, ao se reconectar, muitos confessam ter se envolvido em um *affair* acidentalmente, traindo seu parceiro com um antigo amor. Por isso, antes de tentar recuperar alguém do passado, deveríamos refletir se vale a pena perder o presente.

66

Entonarei minha voz grave para poder niná-los com a doçura de uma terna pomba. Rugirei como se fosse um rouxinol.

Fundilhos, um dos protagonistas do inusitado *Sonho de uma noite de verão*, é quem declara essas belas palavras. Trata-se de uma obra que reúne múltiplas situações amorosas, das mais leves até a íntima que abre este capítulo.

Todos os dias milhões de corações apaixonados palpitam com força ao se aproximarem do amado ou amada. Muitas pessoas dizem que seu ritmo cardíaco fica acelerado, que às vezes sentem, inclusive, o coração descompassado, como se fosse sair do peito, ao estar com a pessoa amada. Ainda melhor do que essa excitante sensação de estar vivo e feliz é quando dois corações batem no mesmo ritmo.

Assim, é impressionante a descoberta de um estudo da Universidade da Califórnia, publicado no periódico *Emotion*, da American Psychological Association, que analisou a sincronização do pulso cardíaco e da respiração entre os membros de diferentes casais. Esse trabalho permitiu comprovar que, apesar de separados por alguns metros, sem poder falar entre si nem se tocar, seus corações batiam de forma muito parecida e, normalmente, a mulher tendia a reproduzir o ritmo de seu parceiro, segundo foi comprovado nos monitores de frequência cardíaca e respiração a que estavam conectados.

Pode até ser que a química do amor esteja no cérebro, mas está claro que é dentro do peito que se sente e se celebra quando dois corações batem juntos.

67

Se não fosse por meu amor, o dia seria noite.

Biron faz essa declaração ardente no quarto ato de *Trabalhos de amor perdidos* e nos leva a lembrar de muitos assuntos acerca do feitiço do coração. No entanto, é certo que, quando amamos alguém com todo o nosso ser, qualquer coisa relacionada a essa pessoa se transforma em objeto sagrado que merece a nossa admiração.

Há um breve relato de Italo Calvino que mostra de maneira belíssima como o amor que sentimos por alguém pode se transportar a coisas e lugares:

O imperador Carlos Magno se apaixonou, quando já estava mais velho, por uma jovem alemã. Os nobres da corte estavam muito preocupados porque o soberano, dotado de ardor amoroso e deslembrado da dignidade real, negligenciava os assuntos do império. Quando a garota morreu de repente, os dignitários respiraram aliviados, mas por pouco tempo, porque o amor de Carlos Magno não havia morrido com ela. O imperador, que tinha levado para seus aposentos o cadáver embalsamado, não queria se separar dele. O arcebispo Turpin, assustado com essa paixão macabra, suspeitou de um feitiço e quis examinar o cadáver. Ele encontrou um anel com uma pedra preciosa escondido debaixo da língua da mulher. Mal o anel passou às mãos de Turpin, Carlos Magno se apressou em enterrar o cadáver e direcionou seu amor para o arcebispo. Para escapar da situação embaraçosa, Turpin arremessou o anel no lago. Carlos Magno se apaixonou pelo lago Constança e não quis se afastar nunca mais de suas margens.

68

Não tenho nem a melancolia do sábio, que é emulada, nem a do músico, que é fantástica, nem a do cortesão, que é orgulhosa, nem a do soldado, que é ambiciosa, nem a do jurista, que é política, nem a da dama, que é bela, nem a do amante, que é a soma de todas elas.

O DISCURSO DE JACQUES no quarto ato de *Como gostais* aponta a melancolia – de qualquer tipo – como sentimento essencial do apaixonado. A recompensa amorosa deve ser muito grande para aceitarmos passar por esse precipício emocional a fim de desejar um companheiro.

Devemos uma das primeiras reflexões sobre a melancolia amorosa, conhecida pelos gregos como a *doença dos heróis*, ao médico persa Avicena (980-1037). Ele a descreve da seguinte forma:

Os sinais são afundamento e secura dos olhos, sem umidade, exceto ao chorar, olheiras contínuas, sorriso constante como se estivesse vendo algo maravilhoso ou ouvindo algo agradável. Sua respiração está transtornada e a pessoa ora está feliz e sorridente, ora abatida e chorosa, murmurando de amor, especialmente quando se lembra do amado ausente. Todas as partes do corpo estão ressecadas, exceto os olhos, inchados pelo excesso de lágrimas e pela insônia. A pulsação se parece com o dos estados de loucura, falta de apetite ou medo, mas muda à lembrança da pessoa amada, especialmente quando repentina. Isso permite demonstrar quem é o amado sem que se diga… o amado é o caminho para a cura.

Haja ou não resposta do ser amado, o certo é que a melancolia amorosa busca em nós uma sensibilidade especial que nos torna mais criativos em tudo que se relacione com as artes.

Imerso nesse estado, o compositor escreve suas melhores peças, o pintor consegue imagens de uma profundidade impressionante e o romancista cria descrições e diálogos profundos e transcendentais.

Devemos essa potência criativa à melancolia do amor.

69

Pobres são aqueles que carecem de paciência!

O CORAÇÃO HUMANO NÃO é feito para os sobressaltos amorosos, a julgar pelas descobertas de diferentes estudos científicos. Hoje sabemos que seu estado ideal é a estabilidade emocional.

Toda paixão desencadeia um processo bioquímico que se inicia no cérebro e implica a secreção de hormônios como a oxitocina, a dopamina e a adrenalina, os mesmos secretados durante as contrações do parto ou o período de lactância, ou em um orgasmo.

Essas substâncias atuam como protetores da saúde cardiovascular, mais especificamente dos vasos sanguíneos. Em contrapartida, o desamor costuma levar a uma síndrome de ansiedade e depressão, associada a um déficit de serotonina, que pode provocar arritmia em pessoas que têm cardiopatia isquêmica.

Não é, portanto, estranho que algumas pessoas abandonadas por seus companheiros cheguem a sentir opressão ou angústia no peito.

O desamor dói. E a própria paixão, apesar de ser um estado vital maravilhoso e desejado pela grande maioria das pessoas, também coloca o coração em risco. A culpada dessa situação é a serotonina, pois, secretada durante esse estado, acelera os sinais vitais.

Além disso, ela contrai os vasos sanguíneos. É por isso que o estado ideal para o nosso coração é a estabilidade emocional, uma etapa mais tranquila na qual não há estímulos que ponham o organismo à prova.

70

Falar não é fazer, por mais que haja uma boa intenção. As palavras não são fatos.

Cantar as glórias do amor é uma coisa, já vivê-las de forma mais intensa é algo muito diferente.

Se já é difícil demonstrar à pessoa amada nossos sentimentos, manter viva essa chama com o passar dos dias é uma virtude que deve ser adquirida, como disse o psicanalista Erich Fromm.

Certa vez, um jornalista perguntou ao Dalai-Lama o que era o amor e ele respondeu com a seguinte explicação:

Muita gente confunde amor com prazer ou com uma atração momentânea por alguém ou algo. Esse tipo de amor é lunático e instável como o tempo. A pessoa pode desejar alguém por seus belos olhos, porque diz coisas engraçadas ou por vários outros motivos. Quando o tempo fecha, a pessoa se dá conta de que esse amor não passava de um desejo. Acontece algo parecido com brinquedos ou roupas. Por exemplo, você vai a uma loja e de repente vê algo de que gosta. Diz a você mesmo: "Quero isso." Nesse momento, a peça se torna algo especial. Você compra e comprova, quando já é sua, que é ainda mais bonita. Ela continua sendo a mesma roupa, como várias outras idênticas na loja, mas, agora que está em sua sacola, passa a ser apenas objeto de desejo.

Talvez essa seja a melhor definição do amor: aquele que de repente se torna único e que levamos sempre conosco.

71

A Idade de Ouro está diante de nós, não atrás.

Para além dos vaivéns da paixão, o objetivo último do amor é encontrar um companheiro para caminhar com você pela longa e sinuosa estrada de que falavam os Beatles na música "The Long and Winding Road".

Todas as tradições têm símbolos para celebrar essa felicidade compartilhada que pode nos levar, de forma lenta e prazerosa, a um amadurecer compartilhado.

Um casal de cisnes ou pombos é símbolo do amor na cultura cristã, já que esses animais buscam um par para a vida toda. No feng shui, os patos-mandarins são o emblema de uma relação estável.

Por sua vez, culturas mais antigas como a celta possuem vários símbolos relacionados ao amor, como o nó perene, um intrincado amuleto que os amantes trocam entre si e que significa que seu amor não pode se desfazer nunca. Há também um símbolo celta de amor eterno que é formado por dois trísceles, cada um deles com três pontas, que representam o corpo, a mente e a alma do ser amado. Ao se unirem, formam um círculo no centro. Eles celebram a união de duas pessoas em corpo, mente e espírito, para toda a eternidade; a fusão completa de dois seres que se amam.

Esse amuleto reflete a magia do amor, quando duas pessoas de origens e ciscunstâncias completamente diferentes se unem para percorrer o mesmo caminho sob o manto da felicidade.

72

Com alegria e risadas, deixem as típicas rugas da velhice aparecer.

Harry & Sally – Feitos um para o outro, *O diário de Bridget Jones*, *Alguém tem que ceder* e *Do que as mulheres gostam* são apenas algumas de muitas comédias românticas que fizeram milhões de casais sonharem e morrerem de rir.

Passar uma tarde de domingo no sofá vendo esse tipo de filme também pode salvar uma relação à beira do rompimento.

Sim, é isso mesmo. Segundo um estudo da Universidade de Rochester, o debate após a exibição desses filmes, comentando os problemas amorosos apresentados, leva os casais a discutir de forma relaxada como administrar melhor a própria relação.

Esse método parece funcionar muito melhor do que recorrer a um aconselhamento matrimonial ou embarcar numa terapia de casais, como a que tentaram seguir na telona Brad Pitt e Angelina Jolie em *Sr. & Sra. Smith*. De fato, os pesquisadores afirmam que assim o número de divórcios poderia ser reduzido pela metade durantes os três primeiros anos de casamento.

Vale a pena tentar, pois ir ao cinema é fácil e divertido e conecta as pessoas de uma forma poderosa.

Os roteiristas de Hollywood parecem saber disso, já que, em *Uma linda mulher*, Richard Gere e Julia Roberts passam sua primeira noite vendo uma série de comédia antiga na televisão. E, em *Sintonia de amor*, Tom Hanks e Meg Ryan conseguem se encontrar no Empire State Building porque ambos têm em seu imaginário outro filme antigo, *Tarde demais para esquecer*, no qual os grandes atores Cary Grant e Deborah Kerr também deviam se encontrar no mítico arranha-céu da Big Apple.

Então garanta o seu lugar e prepare-se para desfrutar um relacionamento duradouro. O filme de sua vida está apenas começando.

Shakespeare: uma vida de teatro

EMBORA O DIA EXATO em que William Shakesperare nasceu seja desconhecido, sabe-se que ele foi batizado em 26 de abril de 1564 e que morreu em 23 de abril de 1616, em Stratford-upon-Avon, um pequeno vilarejo do condado de Warwickshire.

Como era comum que o batizado fosse celebrado antes de a criança completar uma semana de vida, fixou-se a data de nascimento três dias antes da celebração, de forma que o nascimento e a morte de Shakespeare coincidem com o Dia de São Jorge e com o Dia Internacional do Livro.

Filho de John Shakespeare e Mary Arden, William foi o terceiro de oito irmãos. Seu pai era açougueiro e um comerciante de lã de destaque que chegou a ter um cargo importante na cidade. Sua mãe era uma distinta senhora da sociedade burguesa da época.

Acredita-se que Shakespeare cursou o ensino fundamental em uma ótima escola local chamada King Edward VI Grammar School, embora também não se tenha dados exatos sobre isso.

A qualidade duvidosa das escolas no período elisabetano e a taxa elevada de analfabetismo da região de Shakespeare – que afetava, inclusive, seus familiares mais próximos – nos levam a crer que ele estudou nessa instituição, em que se recebia uma ótima educação de literatura e gramática latina, sendo Esopo, Ovídio e Virgílio os autores que dominavam. A sorte de poder frequentar tal escola parece uma decorrência do alto cargo que seu pai exercia no governo local. No entanto, devido à perda dos arquivos, essa informação não pode ser comprovada.

Quando o jovem William era adolescente, o pai, católico fervoroso, perdeu todos os bens. Ele foi acusado de fazer negócios ilícitos e, muito provavelmente, de se recusar a se converter ao anglicanismo. O governo tinha começado a pressionar os cidadãos mediante novas leis que o casal Shakespeare se negava a aceitar.

O pai de William perdeu, assim, sua influente posição e, ao que tudo indica, o jovem teve que abandonar seus estudos e trabalhar no açougue da família. Há rumores de que, ao ficar órfão de educação, Shakespeare dedicou-se ao estudo de trivialidades que nada lhe interessavam e isso o levou a se embriagar com frequência e a perambular pelas margens do rio Avon recitando versos até cair de sono.

Em 1582, o poeta, então com 18 anos, engravidou Anne Hathaway, que vivia em uma pequena localidade próxima a Stratford e era oito anos mais velha do que ele. Três meses depois, eles tiveram que se casar. No ano seguinte, nasceu uma menina, que chamaram de Susanna, e, dois anos após, nasceram outras duas crianças, os gêmeos Hamnet e Judith.

Não se sabe praticamente nada dos anos que precederam o nascimento de seus três filhos, pois não existe nenhum documento a respeito. Esses são conhecidos como os "anos perdidos de Shakespeare".

Sua próxima aparição se dá em Londres, quando já é uma personalidade reconhecida no cenário teatral da cidade.

Shakesperare figurava no elenco da obra de Ben Johnson *Cada homem em seu humor*, embora estivesse habituado a representar apenas suas próprias obras. Acostumado a escolher papéis secundários que lhe permitiam se dedicar a outras atividades do mundo do teatro, destinava seu tempo a continuar escrevendo.

Como naquela época era proibido que as mulheres atuassem, todos os papéis femininos tinham de ser representados por homens. O próprio Shakespeare se vestia de mulher e teve que interpretar esses personagens uma infinidade de vezes.

Nesse meio-tempo, Shakespeare já havia se tornado um excelente escritor que demonstrava ter lucidez e capacidade fora do comum. Seu domínio da gramática inglesa e seus amplos conhecimentos de latim lhe permitiram enriquecer o próprio vocabulário, incorporando palavras do latim à sua língua materna.

Foram contabilizadas cerca de 1.700 palavras e expressões inventadas ou diretamente traduzidas do latim por ele.

Contudo, existem muitas teorias que defendem que, na realidade, Shakespeare encarregava outras pessoas de escrever suas obras, imitando seu estilo. Também se diz que Shakespeare era o pseudônimo do filósofo Francis Bacon, que preferiu se manter no anonimato como dramaturgo.

De todo modo, a autoria das obras de Shakespeare é um mistério que ele levou consigo para o túmulo.

Apesar do alto nível literário, suas peças eram rejeitadas por grande parte da sociedade, pois o teatro era considerado um entretenimento vulgar.

Mesmo assim, o cenário teatral atraía uma plateia cada vez maior e estava se transformando em um negócio rentável. Shakespeare, além de artista, tinha um lado empreendedor muito desenvolvido. Ainda ativo como autor e ator, não teve dúvidas em se tornar coproprietário da companhia teatral Chamberlain's Men.

Rapidamente, a companhia passou a ser a preferida para representar suas obras na corte de Elizabeth I. Ela chegou a alcançar tal popularidade que passou a ficar sob a proteção do novo rei da Inglaterra, Jaime I, após a morte da rainha e ganhou um novo nome: The King's Men.

Em 1610, Shakespeare se aposentou e voltou à cidade natal, onde se instalou numa casa chamada New Place.

Ele continuava abusando do álcool e, ao que parece, morreu após contrair uma febre alta em decorrência de seus altos níveis etílicos.

Hamnet faleceu ainda na infância e Judith não teve filhos. Susanna foi a única que lhe deu uma neta, Elizabeth Barnard, possivelmente a última descendente de Shakespeare. Porém, há rumores de que seu afilhado, o poeta e dramaturgo William Davenant, era na realidade seu filho.

Seu corpo foi sepultado na igreja da Santíssima Trindade em Stratford-upon-Avon.

Todo ano, para comemorar o aniversário de seu nascimento, coloca-se uma nova pena na mão direita da estátua que fica próxima ao seu túmulo, onde é possível ler os versos que o próprio Shakespeare ditou para seu epitáfio:

Bom amigo, por Jesus, abstém-te
de profanar o corpo aqui enterrado.

Bendito seja o homem que respeita estas pedras
e maldito seja aquele que remover meus ossos.

Devido a essa inscrição, nunca se comprovou o que de fato havia dentro do caixão, mas algumas lendas afirmam que nele estão enterradas algumas das obras desaparecidas desse genial escritor.

Cronologia das obras de Shakespeare

Henrique VI (1ª parte) [1589-1591]
Henrique VI (2ª parte) [1589-1591]
Henrique VI (3ª parte) [1589-1591]
Ricardo III [1592-1593]
Os dois cavalheiros de Verona [1592-1593]
A comédia dos erros [1593]
Tito Andrônico [1593-1594]
A megera domada [1593-1594]
Trabalhos de amor perdidos [1594-1595]
Vida e morte do rei João [1594-1596]
A tragédia do rei Ricardo II [1595]
Romeu e Julieta [1595-1596]
Sonho de uma noite de verão [1595-1596]
O mercador de Veneza [1596-1597]
Henrique IV (1ª parte) [1596-1597]
As alegres matronas de Windsor [1597]
Henrique IV (2ª parte) [1598]
Muito barulho por nada [1598-1599]
Henrique V [1599]
Júlio César [1599]
Como gostais [1599]
Hamlet [1600-1601]
Noite de Reis [1601-1602]
Tróilo e Créssida [1601-1602]

Bem está o que bem acaba [1602-1603]
Medida por medida [1604]
Otelo [1604]
Rei Lear [1605]
Macbeth [1606]
Antônio e Cleópatra [1606]
Coriolano [1607-1608]
Timão de Atenas [1607-1608]
Péricles [1607-1608]
Cimbelino [1609-1610]
Conto de inverno [1610-1611]
A tempestade [1611]
A famosa história da vida do rei Henrique VIII [1612-1613]
Os dois nobres parentes [1613]**

---

* As datas citadas são provavelmente o ano em que as peças foram escritas. É muito difícil determinar uma cronologia exata da obra de William Shakespeare, uma vez que muitas datas não possuem registros e algumas estão sujeitas a interpretação.

** *Os dois nobres parentes* é listada como uma das obras de Shakespeare, mas alguns estudiosos acreditam que ela não é um trabalho original do autor. É provável que a maior parte da peça tenha sido escrita por John Fletcher, grande amigo de Shakespeare e um importante dramaturgo da época.

Sobre o autor

© Anke Luckman



ALLAN PERCY é especialista em coaching e em literatura de autoajuda e desenvolvimento pessoal. Presta consultoria a várias editoras espanholas e viaja pelo mundo em busca de inspiração para suas obras. Seus livros *Nietzsche para estressados*, *Oscar Wilde para inquietos*, *Kafka para sobrecarregados*, *Hermann Hesse para desorientados*, *Tudo é possível*, *As vantagens de ser otimista* e *Pensar com os pés*, todos publicados pela Editora Sextante, já venderam 500 mil exemplares no Brasil.

CONHEÇA OS CLÁSSICOS DA EDITORA SEXTANTE

1.000 lugares para conhecer antes de morrer, de Patricia Schultz

A História – A Bíblia contada como uma só história do começo ao fim, de The Zondervan Corporation

A última grande lição, de Mitch Albom

Conversando com os espíritos e *Espíritos entre nós*, de James Van Praagh

Desvendando os segredos da linguagem corporal e *Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?*, de Allan e Barbara Pease

Enquanto o amor não vem, de Iyanla Vanzant

Faça o que tem de ser feito, de Bob Nelson

Fora de série – Outliers, de Malcolm Gladwell

Jesus, o maior psicólogo que já existiu, de Mark W. Baker

Mantenha o seu cérebro vivo, de Laurence Katz e Manning Rubin

Mil dias em Veneza, de Marlena de Blasi

Muitas vidas, muitos mestres, de Brian Weiss

Não tenha medo de ser chefe, de Bruce Tulgan

Nunca desista de seus sonhos e *Pais brilhantes, professores fascinantes*, de Augusto Cury

O monge e o executivo, de James C. Hunter

O poder do Agora, de Eckhart Tolle

O que toda mulher inteligente deve saber, de Steven Carter e Julia Sokol

Os segredos da mente milionária, de T. Harv Eker

Por que os homens amam as mulheres poderosas?, de Sherry Argov

Salomão, o homem mais rico que já existiu, de Steven K. Scott

Transformando suor em ouro, de Bernardinho

INFORMAÇÕES SOBRE A SEXTANTE

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA SEXTANTE,
visite o site www.sextante.com.br
e curta as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

 www.sextante.com.br

 facebook.com/esextante

 twitter.com/sextante

 instagram.com/editorasextante

 skoob.com.br/sextante

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@esextante.com.br

Editora Sextante
Rua Voluntários da Pátria, 45 / 1.404 – Botafogo
Rio de Janeiro – RJ – 22270-000 – Brasil
Telefone: (21) 2538-4100 – Fax: (21) 2286-9244
E-mail: atendimento@esextante.com.br

Sumário

Créditos
Prólogo
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33

34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72

Shakespeare: uma vida de teatro
Cronologia das obras de Shakespeare
Sobre o autor
Conheça os clássicos da Editora Sextante
Informações sobre a Sextante